UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL

THATY MARIANA FERNANDES

ATIVIDADES MUSICAIS URBANAS EM RIBEIRÃO PRETO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

FRANCA

2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

THATY MARIANA FERNANDES

ATIVIDADES MUSICAIS URBANAS EM RIBEIRÃO PRETO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Cultura Social.

Orientadora: Prof[a] Dr[a] Tânia da Costa Garcia

FRANCA

2008

THATY MARIANA FERNANDES

ATIVIDADES MUSICAIS URBANAS EM RIBEIRÃO PRETO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Cultura Social.

BANCA EXAMINADORA

Presidente:_____

1º Examinador:_____

2º Examinador: _____

Franca, _____ de _____ de 2008.

A Ribeirão Preto, cidade onde
vivi 17 dos meus 32 anos.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, por ter acreditado na realização deste projeto, pela paciência e dedicação.

Ao meu noivo Henrique, por tudo o que vivemos juntos até aqui. Às nossas famílias, pelo apoio.

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Ribeirão Preto, principalmente ao Mauro da Silva Porto, com quem tive as melhores conversas e que me deu as melhores dicas. Aos funcionários da Biblioteca Padre Euclides, que me auxiliaram na pesquisa pelos jornais presentes em seu acervo. Aos funcionários da Secretaria Municipal da Fazenda, que me cederam seus equipamentos para a leitura dos microfilmes. Aos funcionários da Biblioteca Nacional que atenderam às minhas solicitações. Sem eles este trabalho não seria possível.

FERNANDES, Thaty Mariana. **Atividades musicais urbanas em Ribeirão Preto nas primeiras décadas do século XX**. 2008. 11 f. Dissertação (mestre em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2008.

RESUMO

A partir de notícias de jornal, relatos de memorialistas e os Códigos de Posturas Municipais da época, traçaremos um panorama das manifestações musicais, seus usos, seus ambientes e sua circulação. A música era apropriada como signo de modernidade, desenvolvimento e opulência, reforçando a imagem que se queria construir sobre a cidade nas duas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: atividades musicais, Ribeirão Preto (SP), século XX, sociabilidade, modernização.

SUMMARY

From periodical notice, stories of memorialists and the Codes of Municipal Positions of the time, we will trace a panorama of the musical manifestations, its uses, its environments and its circulation. Music was appropriate as sign of modernity, development and opulence, strengthening the image that if wanted to construct on the city in the two first decades of XX century.

Word-key: musical activities, Ribeirao Preto (SP), the twentieth century, sociability, modernization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO I

1. O desenvolvimento urbano de Ribeirão Preto 16
1.1 O início da ocupação 16
1.2 A organização segmentada do espaço urbano 18
1.2.1 O centro 19
1.2.2 O Núcleo Colonial Antônio Prado 24
1.2.3 Bairros formados a partir de terras particulares 28
1.2.3.1 Retiro 28
1.2.3.2 República 28
1.2.3.3 Santa Cruz de José Jacques 28
1.2.3.4 Vila Tibério 29
1.2.3.5 Higienópolis 29
2. A economia 29
2.1 A cafeicultura..... 29
2.2 O complexo cafeeiro..... 32
2.3 Economia urbana: comércio, serviços e indústria 33
2.3.2 Comércio 35
2.3.3 Profissionais liberais e prestadores de serviços 36
2.2.3 Indústria 37
3. **A sociedade**..... 39
3.1 Crescimento e formação da população..... 39

CAPITULO II

1. As atividades musicais 46
1.1 O carnaval 46
1.2 A praça e suas atividades 51

1.3 As bandas 55
1.5 Teatros 57
1.5.1. *Carlos Gomes* 59
1.5.2 *Eldorado Paulista* 62
1.5.3 *Bijou Theatre* 64
1.5.4 *Paris Theatre* 65
1.6 Professores e afinadores 65
1.6.1 Professores de música 65
1.6.2 Afinadores de pianos 65
1.7 Festas religiosas 66
1.8 Comemorações cívicas 66
1.9 Eventos e educação musical escolares 67
1.10 Bailes 68
1.11 Comércio de instrumentos, partituras, gramofones e discos 70

CONSIDERAÇÕES FINAIS 73

FONTES 76

BIBLIOGRAFIA 77

INTRODUÇÃO

No presente estudo nos concentraremos no núcleo urbano de Ribeirão Preto, em função das informações fornecidas pelas fontes, que privilegiavam o atual centro da cidade. A urbanização e a conseqüente tentativa de construção da Ribeirão Preto higiênica, organizada e bela (de acordo com os ditames do urbanismo daquele período) foi um processo que durou entre a segunda metade do século XIX até a década de 1920, em seus serviços essenciais (rede de água e esgoto, calçamento das ruas, ajardinamento e embelezamento arquitetônico, instalação de linha ferroviária, construção de prédios públicos como os da Câmara e Cadeia e o Paço Municipal). A ideologia do urbanismo sanitarista, legitimado pelo discurso das autoridades políticas e científicas da cidade, e o desejo das camadas mais abastadas de construir a sua *Belle Époque* local moveram a modernização da cidade e transforrmaram o povoado rural em "Capital d'Oeste". Ao mesmo tempo, a "*Belle Époque* caipira" servia para legitimar a imagem de opulência e o status de centro regional. A cidade começou a se formar em meados do século XIX, e isso facilitou enormemente a implantação dos ditames modernos de urbanismo. A adaptação a eles foi bem menos traumática que em outros centros urbanos mais antigos e já constituídos, e a cidade praticamente nasceu a partir desse alicerce modernizante. Porém isso não impediu a incidência de epidemias, a construção de locais de moradia considerados impróprios e as más condições de vida de parcela da população, especialmente na periferia do núcleo urbano principal, entre o ribeirão Preto e o Retiro – área correspondente ao Patrimônio da Fábrica da Matriz.

Entre a produção historiográfica a respeito de Ribeirão Preto nas primeiras décadas do século XX predominam trabalhos sobre economia, política e questões urbanísticas e arquitetônicas. Nestes, percebemos a presença obrigatória de uma espécie de introdução que trata do nascimento e desenvolvimento da cidade. Ao abordar a música e os ambientes onde ela estava presente, é útil recorrer a esse tipo de análise da configuração do meio físico e social, a fim embasar o conhecimento sobre os meios onde ela se propagava. Os trabalhos que se dedicam à história local nos ajudam a conhecer o espaço urbano e a realidade sócio-econômica da época. Auxiliam, ainda, na compreensão da penetração da ideologia do "moderno" no município e como ela podia se manifesta nos entretenimentos. As obras dos memorialistas locais também são úteis ao fornecer informações adicionais que, embora muitas

vezes não embasadas em fontes documentais, nos revelam como certos fatos foram tratados pela memória coletiva, da qual representam um testemunho, ou dialogando com as fontes aqui utilizadas. Os jornais, certamente, davam mais destaques aos eventos mais glamurosos e identificados com as elites, cujo local era o centro da cidade. Encontramos também formas mais tradicionais e populares de entretenimento musical, mas sem o mesmo destaque nos noticiários. Os trabalhos sobre a cidade de São Paulo fornecem um modelo de estrutura formal e analítica, uma vez que os estudos sobre a capital, a respeito desta temática, estão mais desenvolvidos. Além disso, devido à proximidade física e ao traçado das ferrovias, existia uma comunicação direta entre São Paulo e o interior, constituindo uma rota por onde transitavam negócios, produtos, serviços, pessoas, artistas e espetáculos. O estudo histórico da música e dos meios por onde ela se manifestava vem esclarecer a idéia propagada tanto pelos trabalhos acadêmicos como pelos memorialistas de que a prosperidade econômica de Ribeirão Preto teria levado a uma grande oferta de espetáculos de alto nível, demonstrando como e quais artistas e espetáculos chegavam ao interior.

Entre as obras de memorialistas destacam-se as de José Pedro Miranda[1], Prisco da Cruz Prates[2] e Rubem Cione[3]. Esse último é o mais conhecido, e sua obra (dividida em 5 volumes) constitui a mais popular referência para o estudo da história da cidade. Esta obra foi em parte baseada na de Plínio Travassos dos Santos[4]. A nós interessa também o trabalho da professora Myriam Strambi sobre o músico Belmácio Pousa Godinho[5], inédito e gentilmente cedido por sua filha Luciane Strambi, além de manuscritos também inéditos. A autora também escreveu o livro **50 anos da Orquestra Sinfônica em Ribeirão Preto (1938-1988)**[6]. Rodrigo Santos de Faria, em sua obra[7], analisa e problematiza os relatos de memorialistas sobre Ribeirão Preto, utilizando-os como fonte primária. Observa o seu aspecto mistificador e a imagem que procuram construir sobre a cidade e as suas tradições. O autor classifica os relatos de Renato Jardim e Prisco da Cruz Prates como de memorialistas, devido à falta de uso

---

[1] MIRANDA, José Pedro de. **Ribeirão Preto de Ontem e de Hoje**. Ribeirão Preto: Livraria El Dorado, 1971

[2] PRATES, Prisco da Cruz. **Ribeirão Preto de outrora.** São Paulo: Gráfica José Ortiz Jr., 1956

[3] CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**, 5 vol. Ribeirão Preto: Legis Suma, 1985, 1987, 1992, 1997

[4] SANTOS, Plínio Travassos. **Ribeirão Preto – Histórico e para a história**. Ribeirão Preto: ed. do autor, 1923

[5] STRAMBI, Myriam de Souza. **Supremo Adeus**. Inédito.

[6] _____. **50 anos da Orquestra Sinfônica em Ribeirão Preto (1938-1988).** Ribeirão Preto: Ed. Legis Suma, 1989

de documentos e à mistificação dos fatos. Afirma, também, que os trabalhos de Rubem Cione e Plínio Travassos dos Santos não podem ser classificados dessa maneira devido à farta utilização de fontes documentais, constituindo, portanto, um relato historiográfico linear e evolutivo. No entanto, a obra de Cione, de tom marcadamente ufanista, muitas vezes deixa de citar as suas fontes e se utiliza de muitas transcrições literais de Plínio Travassos dos Santos. Todavia, é inegável que estas obras oferecerem "pistas" preciosas e constituem um "testemunho sentimental" da época, que somados a informações de outras fontes podem resultar em uma descrição mais precisa.

A partir dos conceitos de práticas, representações e apropriações, apresentados por Roger Chartier[8], constituiremos a nossa reflexão de como as atividades musicais – espetáculos e seus espaços, comércio de instrumentos, ensino da música, etc. – se fizeram signos de distinção social, como foram apropriados pelos diversos segmentos da sociedade, como se davam a sua produção e o seu uso. As obras **História Social do Jazz**[9], de Eric Hobsbawn e **Sonoridades Paulistanas**[10], de José Geraldo Vinci de Moraes, também tiveram como intuito construir uma história social da música demonstrando como os diversos estilos musicais delimitados e os seus executantes se encontraram e interagiram através do tempo e do espaço.

Em **História Social do Jazz**, Eric Hobsbawn procura, em primeiro lugar, definir o que é o jazz. A importância dessa definição prévia vem da plasticidade do *jazz*, que surgiu entre os afro-americanos do sul, como uma forma musical popular e marginalizada, e se difundiu em vários meios sociais e espaços, atingiu o status de "grande arte", desdobrou-se em inúmeros estilos através do tempo, conquistou os mais diversos públicos e as mais diversas interpretações e fusões – desde a "música erudita de concerto" até a "música pop comercial", diluindo-se de forma que a sua definição se torna difícil de discernir. No entanto, ao invés de levar à degradação apontada por alguns críticos, segundo o autor, essa plasticidade levou o jazz a se tornar *"(...) de forma mais ou menos diluída, a linguagem*

---

[8] CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações.** RJ: Bertrand Brasil, 1990. "Mais do que o conceito de mentalidade, ela [representação] permite articular três modalidades da relação com o mudo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade." (*Op cit, p.23*)

[9] HOBSBAWN, Eric. **História Social do Jazz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

[10] MORAES, José Geraldo Vinci de. **As Sonoridades paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo - final do século XIX ao início do século XX**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1995

básica da dança moderna e música popular da civilização urbana industrial, na maioria dos espaços onde penetrou", e constitui o principal elemento da sua sobrevivência e da sua relevância histórica. Na *introdução*, o autor define o assunto do livro como o *jazz* na sociedade e, após definir o seu significado, seguem-se os capítulos sobre a história e o desenvolvimento estilístico, a indústria, o *jazz* e a música popular, o *jazz* e a gente (músicos e público) e o *jazz* e outras artes.

O livro **As sonoridades paulistanas** de José Geraldo Vinci de Moraes valoriza as tensões e as dinâmicas sócio-culturais na formação das sonoridades paulistanas. Nesse período São Paulo passa por transformações decisivas, de um centro rural, agropastoril e provinciano a uma cidade industrial e cosmopolita, habitada por pessoas vindas de diversas partes do mundo e do país, trazendo cada grupo seus costumes e sua música. O trabalho – originalmente uma dissertação de mestrado – utilizou depoimentos de artistas e outras pessoas que traziam recordações dessa época, e relatos de memorialistas. Dentro dessa diversidade, sobressaem-se os intermediários culturais, aqueles agentes que contribuíram para a fusão e difusão das culturas dos diversos grupos, comunicando-se com vários deles: os chorões paulistanos. O autor ainda tenta desfazer a imagem de que São Paulo seria uma cidade "menos musical" do que o Rio de Janeiro – pois os meios de comunicação de massa nascentes nesse período e centralizados na capital da República ditariam o seu padrão para o restante do país e tornariam a sua música (o samba carioca) um símbolo nacional.

Em **Salões, circos e cinemas de São Paulo**[11], o autor Vicente de Paula Araújo mostra, através das notícias de jornais e anúncios da época (1897 a 1914), o cotidiano da nascente indústria do lazer de salão: empresas, espaços, filmes e artistas que circulavam pela capital paulista. O livro, nas suas muitas transcrições textuais e reproduções de imagens, expõe de forma rica e detalhada a estética dos anúncios e a linguagem das notícias, além de demonstrar os fatos e a dinâmica das diversões na cidade durante o período. A ordem cronológica adotada contribui para facilitar a localização dos fatos no tempo. As transcrições são importantes para, em certos casos, dar uma noção mais exata de como os fatos eram tratados e noticiados na época, além de expor o aspecto pitoresco da linguagem.

Rodrigo Santos de Faria, em **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930) – o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**[12], analisa o desenvolvimento da

---

[11] ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, circos e cinemas de São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

[12] FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930) – o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**. Dissertação (mestrado). Campinas: Unicamp/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.

cidade nas três primeiras décadas do século XX, demonstrando quais eram as prioridades, embates e opiniões das autoridades municipais – sua dissertação se baseou nas Atas da Câmara –, técnicos influentes – médicos, engenheiros –, e dos munícipes, ao citar correspondências enviadas aos jornais locais. Revela as direções da expansão da cidade, o anseio pelo belo e o moderno, quais medidas foram tomadas através do tempo para sanar os diversos problemas e deficiências – inclusive estéticas – desse jovem município, desde a sua emancipação em relação a São Simão. Analisando as medidas ordenadas pela Câmara Municipal, Faria observa que obras consideradas urgentes, tais como serviços de coleta de esgoto e canalização da água, entre outros, muitas vezes eram discutidos com morosidade e falta de objetividade. As obras não seguiam necessariamente um padrão de prioridade ligado à primazia do saneamento básico e higienização, haja vista a inauguração do *Theatro Carlos Gomes* em 1895, quando ainda faltavam muitos serviços essenciais. Isso evidencia um esforço considerável para a constituição de um ambiente propício para as atividades culturais consideradas de alto nível. A Câmara sofria com a falta de verbas para a realização de todas as obras necessárias, tendo que recorrer constantemente a empreendedores particulares e empréstimos, tal como o *Theatro Carlos Gomes*, construído pelo cafeicultor Francisco Schimidt.

Essa informação é muito interessante porque vai ao encontro do trabalho de Veruschka de Sales Azevedo, **Entre a tela e a platéia: theatros e cinematographos na Franca da Belle Époque (1890-1930)** [13]. Neste trabalho a autora acompanha a metamorfose dos espetáculos e, ao mesmo tempo, da cidade, comparando-a a um grande palco onde a elite representa os atores e o restante da população, a platéia. Neste cenário, onde a modernidade é o espetáculo, é preciso que os seus signos estejam presentes. É preciso formar uma imagem de cidade "moderna", “higiênica" e "civilizada", e para isso a presença de um teatro é fundamental - no caso, o *Theatro Santa Clara*, fundado em 1874 e construído pelo Coronel e Barão de Franca, José Garcia Duarte. Um teatro suntuoso era o lugar apropriado para as maiores e mais prestigiadas companhias teatrais e espetáculos. Era também o cenário onde a elite podia desfilar os seus figurinos para a assistência da platéia, ou seja, aqueles que estavam excluídos de certos lugares destinados apenas aos "atores". Essa segregação espacial dos pobres se repete constantemente em outros meios e dentro da própria cidade, com áreas

---

[13] AZEVEDO, Veruschka de Sales. **Entre a tela e a platéia: Teatros e Cinematographos na Franca da Belle Époque**. Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/ Departamento de História, 2001.

destinadas à moradia e à freqüência de uns e de outros, como aconteceu também em Ribeirão Preto.

Adriana Capretz Borges da Silva, em **Campos Elíseos e Ipiranga: memórias do antigo Barracão**[14], analisa a criação e o desenvolvimento do Núcleo Colonial Antônio Prado, abordando desde o início do povoamento da região onde viria a se formar o município de Ribeirão Preto, a criação do Núcleo Colonial, sua ocupação e posterior incorporação à malha urbana, tornando-se o bairro conhecido como Barracão. O Barracão, que deu nome a este bairro, consistia no galpão que abrigava provisoriamente os imigrantes vindos de trem em busca de trabalho, e ao seu lado havia uma estação de mesmo nome, a exemplo da Hospedaria do Imigrante, em São Paulo. Ali os imigrantes eram registrados e aguardavam para serem enviados às fazendas. Os que tinham algum pecúlio podiam comprar um lote no Núcleo Colonial. Suas terras se estendiam ao norte da cidade, em regiões de várzea e cortadas pela EF Mogiana, o que fazia com que fossem pouco valorizadas, e ao mesmo tempo, convenientes para a colonização por estarem próximas da cidade e da ferrovia. Esse estudo nos dá uma importante referência sobre quem eram e como viviam as pessoas fora do centro e que não pertenciam à elite, pois ela se concentrou no eixo de expansão sul.

O presente trabalho pretende reunir as informações sobre o universo musical, não propriamente como uma "história da música", abordando o seu aspecto formal, mas como uma sondagem dos ambientes, circunstâncias e pessoas por onde a música circulava, como ela era apropriada e quais os significados atribuídos a ela. As fontes escolhidas permitem uma apreciação desses aspectos, e foram escolhidas justamente em função da sua riqueza. Quase diariamente eram publicadas notícias de eventos significativos para o estudo do universo musical, tais como a programação dos teatros, festas comunitárias, o repertório a ser executado pelas bandas nas retretas do *Jardim Publico* (atual *Praça XV*), carnaval e outros. Os comentários sobre tais eventos, a forma como eram noticiados ou anunciados (ou omitidos), são reveladoras de como a sociedade os acolhia, qual era a sua finalidade, o seu público preferencial, o seu repertório, o *status* e a origem de tais eventos e dos seus artistas. A leitura dos Códigos de Posturas Municipais de 1889 e 1902, vigentes no período delimitado para a pesquisa, nos revela as regras daquilo que era lícito no convívio social e no universo dos entretenimentos musicados, quais as formas mais comuns de transgressão, quais atitudes eram permitidas ou não em relação aos artistas, à platéia e aos promotores de eventos.

---

[14] SILVA, Adriana Capretz Borges da. **Campos Elíseos e Ipiranga: memórias do antigo Barracão**. Ribeirão Preto: Editora COC, 2006

Com a instalação dos primeiros jornais, ainda no final do século XIX, passamos a ter uma fonte de informação constante sobre os espetáculos e demais atividades relacionadas à música. Nas duas primeiras décadas do século XX este era o único meio de comunicação de massa existente neste município. Havia uma grande quantidade de jornais publicados, a maioria de curta duração[15]. O primeiro jornal foi *A Lucta*, dirigido por Ramiro Pimentel, de 1884. Os jornais mais influentes e de circulação constante eram o **Diário da Manhã** (1899) e **A Cidade** (1905). Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro localizamos a coleção do jornal **A Cidade** entre os anos 1908 e 1917 (menos janeiro a junho de 1916). No Arquivo Público do Estado de São Paulo localizamos exemplares avulsos de jornais diversos, a partir de 1893: **O setimo districto** *(19/abr/1893),* **Diario da Manhã** (18/set/1903), **Corriere italiano** (6/dez/1903), **Jornal de Noticias** (31/dez/1903), **O Luctador** (1/jan/1904), **O Ribeirão Preto** (6/jan/1904), **O Labaro** (17/jan/1904), **A Cidade** (1/jan/1905 e 19/maio/1908), **O Reporter** (20/maio/1908). Em Ribeirão Preto foi possível localizar na Biblioteca Padre Euclides algumas coleções, entre essas duas datas, dos jornais **A Cidade** (10/jan a 31/mar/1905, 11/abr a 29/jun/1905) e **Diario da Manhã** (27/jan a 28/jun/1912; 3/jan a 31/dez/1913; 1/jan a 30/jun/1914. A nossa pesquisa se restringe ao período entre os primeiros jornais localizados, até o ano de 1917, quando vários teatros recebem reformas. Esse ano coincide também com a falência da Empreza Cassoulet, a maior promotora de eventos da cidade e que criou a moderna dinâmica comercial dos entretenimentos urbanos locais. Os principais jornais, **A Cidade** e *Diario da Manhã*, apresentavam divergências políticas, mas, nos assuntos ligados à cultura e ao entretenimento, costumavam ser condescendentes e apoiar os eventos locais. Poucas vezes os espetáculos, festejos ou outras atividades estudadas eram alvo de críticas. Havia sessões diárias que davam notícias sobre os entretenimentos da cidade, e esse assunto ocupava uma parte considerável das 4 páginas dos jornais da época. Os jornalistas tinham entrada franca nos eventos e espetáculos, por isso nunca faltavam notícias desse tipo. Havia também os anúncios pagos de casas comerciais de partituras, instrumentos, etc., professores de música e outros profissionais e estabelecimentos ligados à música.

Pretendemos, no primeiro capítulo, apresentar um panorama geral da cidade no período estudado, apresentando o seu povoamento, a formação da sua estrutura urbana, a sua dinâmica social e econômica, a fim de ambientar e situar os eventos a serem tratados no segundo capítulo. Para isso, utilizaremos basicamente os trabalhos já escritos sobre a história local. No segundo capítulo pretendemos, através das informações fornecidas pelos jornais,

---

[15] TUON, Liamar Izilda. **O Cotidiano Cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)**. Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/Departamento de História, 1997.

pelos memorialistas e outros trabalhos acadêmicos, fazer uma análise dos ambientes onde a música estava presente, das pessoas envolvidas e dos eventos, como ela era apropriada e utilizada, quais significados lhe eram atribuídos nas várias circunstâncias.

CAPITULO I

1. O desenvolvimento urbano de Ribeirão Preto

1.1 O início da ocupação

A cidade de Ribeirão Preto se formou a partir da vinda de mineiros do sul da província, aproximadamente a partir de 1811, que ocuparam um território desabitado, marginal ao caminho de Goiás. Isto aconteceu em meados do século XIX, ou seja, esta cidade se formou em um período em que a população de São Paulo já havia se sedentarizado e em que a lavoura do café já dominava grande parte do seu território. Por um curto período a principal atividade econômica dos seus habitantes foi a criação de gado, e esta população ocupou este novo território a fim de expandir sua atividade.

A lei de Terras de 1850 tinha como objetivo regularizar e valorizar a posse da terra. No entanto, mesmo depois desta entrar em vigor, em 1854, ainda era fácil tomar posse de terras devolutas e forjar títulos falsificados. Uma das formas utilizadas era vender partes de uma gleba a terceiros e assim provar a sua posse. Outra era doar uma parcela à Igreja, com o compromisso de se construir ali uma capela. Nesse período, as terras devolutas eram muitas, e a posse das mesmas não era considerada como riqueza, o que veio a acontecer após a Lei das Terras.

> (...) em disputa pela posse das terras que correspondem a Ribeirão Preto, a família Reis comprovou sua propriedade: dividiu a fazenda original [Rio Pardo, pertencente a José Dias Campos] e vendeu partes a terceiros em 1834. O documento assinado pelos compradores em 1834 'confirmou' a posse anterior das terras à família Reis, oficializando a situação.[16]

[16] SILVA, Adriana Capretz Borges da. **Campos Elíseos e Ipiranga: memórias do antigo Barracão**. Ribeirão Preto: Editora COC, 2006. Pág. 45.

A fim de legitimar a posse das terras, a família Reis recorreu também à doação de parte das terras das suas fazendas à Igreja, junto a outros proprietários vizinhos, constituindo o patrimônio religioso. Habitantes das fazendas Palmeiras, Ribeirão Preto, Retiro e Barra do Retiro erguem uma capela sob invocação de São Sebastião. Esse foi também um ato político, pois assim se garantiam registros de nascimento, de matrimônio, de óbito e outros registros oficiais com todas as implicações jurídicas e sociais[17]

Em 19 de junho de 1856 (data oficial de fundação da cidade) é escolhido o lugar para o patrimônio de São Sebastião. No ponto mais alto entre os ribeirões Preto e Retiro é edificada a capela e começa a configurar-se um povoado. O fabriqueiro Manoel Fernandes do Nascimento foi nomeado em 1859, e elaborou a demarcação do largo e o traçado dos arruamentos do novo povoado, seguindo o traçado de tabuleiro de xadrez. Embora já houvesse registro do povoado antes da construção da capela[18], a partir desse acontecimento foi que se iniciou de fato o aumento progressivo da população, de modo que o povoado de São Sebastião do Ribeirão Preto tornou-se Freguesia em 1870, ano em que foi edificada a 1ª matriz, tomando lugar da capela provisória. No ano seguinte a Freguesia foi elevada à categoria de Vila, desmembrando-se de São Simão[19]. A partir de 1866 a capela definitiva, futura matriz, já podia abrigar eventos.

Quando os cafeicultores aqui chegaram, a partir da década de 1870, depararam-se com os antigos posseiros pecuaristas. Entraram em conflito, travando lutas pela posse, mas foram derrotados pelos cafeicultores, classe de fazendeiros que administravam sociedades ferroviárias, bancárias e detinha postos na administração pública. A cafeicultura provoca um processo de concentração de terras e Ribeirão Preto se integra definitivamente ao mercado internacional em novembro de 1883, quando os trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro chegam à vila. A ferrovia foi um elemento decisivo para a modernização e integração local, e trouxe uma arrancada de desenvolvimento econômico, cultural e mais crescimento populacional. Em 1869 havia 3.000 habitantes. Em 1890 já eram 12.033, e em 1900, 59.195 habitantes. Até 1882, 80% dos habitantes eram mineiros.[20]

---

[17]LAGES, José Antônio. **Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro – povoamento da região por entrantes mineiros na primeira metade do século XIX**. Ribeirão Preto: VGA, 1996. Pág. 221.

[18] LAGES, 1996, op. cit, pág. 223.

[19] SILVA, 2006. Pág. 51

[20] WALKER, Thomas e BARBOSA, Agnaldo de Souza. **Dos coronéis à metrópole – fios da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX**. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000. Pág. 39.

> A importação de imigrantes, principalmente da Itália, Espanha e Portugal, iniciada na década de 1880, atingiu seu apogeu nas duas décadas da virada do século. Na primeira década do século XX, Ribeirão Preto recebeu mais de 19.000 novos imigrantes. Segundo o censo local de 1912, 41,83% da população do município eram estrangeiros. Os imigrantes causaram tremendo impacto social em Ribeirão Preto. Existiam organizações étnicas para cada nacionalidade representativa, jornais em língua estrangeira e, além disso, os recém chegados, certamente, trouxeram consigo uma variedade de novos costumes e preferências. Em geral, o ambiente de Ribeirão Preto naquele período havia-se tornado bastante cosmopolita." [21]

1.2 A organização segmentada do espaço urbano

Rodrigo Santos de Faria (2003), analisando o que dizem as Atas da Câmara a respeito das medidas modernizadoras da cidade, conclui que apesar desta crescer rapidamente, os serviços essenciais de higiene foram implantados com uma certa morosidade e eram restritos apenas à área central devido, principalmente à falta de verbas públicas e à falta de interessados nas licitações abertas – sob a crítica e desconfiança da população. Também não havia um plano de urbanização integral, e sim ações pontuais e isoladas a fim de resolver problemas específicos, como o Plano de Esgotos e o Plano de Calçamento. Serviços e obras essenciais como rede de água e esgoto, iluminação elétrica, calçamento das ruas, ajardinamento das praças e a construção do prédio da Câmara e Cadeia e o Paço Municipal foram concluídos até a década de 1920. A falta de um engenheiro municipal, cargo que em alguns períodos chegou a ser extino, contrariando o Código de Posturas, agravava esta situação. Nesse período o pequeno povoado sertanejo se transformou na "Capital d'Oeste". A construção da *belle époque* ribeirãopretana foi uma obra lenta, que demandou esforços e investimentos particulares e endividamento público, embasada na ideologia do urbanismo sanitarista em voga entre o início do século XX e o final do XIX, legitimada pelas autoridades políticas e científicas locais diante da população. O fato de este ser um núcleo urbano em formação, a implantação desses ditames urbanísticos foi bem menos traumática do que em outros centros urbanos maiores e mais antigos como Rio de Janeiro e São Paulo. Enquanto isso, em fins do século XIX, a vida nas fazendas ainda era considerada mais atraente que a da cidade.

A crise de 1929 não afetou a cidade de modo como se poderia esperar de um centro urbano dependente do setor agrário-exportador. Isto porque no oeste paulista o "complexo cafeeiro" proporcionou condições para que se desenvolvesse um mercado interno diversificado e voltado para o meio urbano.

---

[21] WALKER e BARBOSA, op. cit, pág. 41

> Assim, concordando com SILVEIRA (1998), Ribeirão Preto, como na maioria das cidades do interior de São Paulo, firmou-se com a expansão do capitalismo no mundo agrário, pois a urbanização da cidade ocorreu a partir da combinação da formação do mercado interno com vários processos: a expansão da cafeicultura ao longo do oeste paulista, a extinção do regime de trabalho escravos a aceitação positiva do regime de trabalho livre e a imigração de trabalhadores europeus para a lavoura. A cidade soube aproveitar esta fase, de forma que, por ocasião da quebra da bolsa de valores de Nova lorque em 1929 e queda brusca nas exportações do produto, o município já não dependia exclusivamente do setor primário-exportador, pois a rede urbana que se formou no período do auge cafeeiro e o capital acumulado proporcionaram condições para reverter o quadro da crise. Embora grande parte do excedente do sobreproduto gerado internamente com a produção tenha sido canalizada para outros países, outra parte foi mantida no território de origem ou foi investida em outros setores já vistos como direta ou indiretamente rentáveis (ferrovias, bancos etc.). Essa foi uma das condições para que bens e serviços fossem transformados em novas mercadorias, proporcionando auto-suficiência às fazendas, e fazendo crescer e dando estabilidade aos recém-formados núcleos urbanos. Os fazendeiros também investiam em novas terras, por ser um investimento seguro, para expandir os cafezais. Com isso, a renda foi sendo concentrada à medida que pequenas propriedades foram diminuindo, levando à liberação de mão-de-obra para a indústria, formando assim a massa proletariada.[22]

1.2.1 O centro

A partir da construção da segunda capela, a Igreja Matriz, em 1868, surge um padrão de organização espacial. A primeira ordenação urbanística do povoado era delimitada em torno do Largo da Matriz, entre as atuais ruas Álvares Cabral, Cerqueira César, Duque de Caxias e General Osório. Os arruamentos e edificações surgiam alinhados ao imenso quadrilátero e se expandia num tabuleiro linear. Em 12 de abril de 1871, a Freguesia de São Sebastião do Ribeirão Preto foi elevada à categoria de Município pela lei n° 67 da Assembléia Legislativa Provincial. Ribeirão Preto estava atrelada juridicamente ao Município de São Simão. A distância entre os dois dificultava o acesso aos serviços disponíveis no município e favorecia o isolamento e a independência de Ribeirão Preto. A criação do novo município implicou em uma série de obrigações que os seus representantes teriam que adotar, como a construção da Casa de Câmara e Cadeia. A primeira normatização oficial surge a partir da constituição da primeira Câmara Municipal, em 13 de julho de 1874. A Câmara se depara com questões referentes à criação de instituições públicas ordenadoras e a criação de uma estrutura física adequada. Os debates sobre a construção de um edifício próprio para a Câmara e cadeia perduraram até 1904, quando foi finalmente construído na praça Barão do Rio

[22] SILVA, 2006, op.cit, pág. 56.

Branco. As dificuldades orçamentárias impediram durante muitos anos o aluguel e a construção de um edifício adequado. Questões de higiene e saúde pública também entraram na pauta de discussão das primeiras sessões da Câmara. Nos seus primeiros dias de atuação constituiu-se uma Comissão de Obras Públicas, a fim de empreender a implantação de melhorias para o município. Isso evidencia a preocupação com o aspecto rural do povoado e a preocupação em transformar tal condição[23].

O primeiro Código de Posturas da Câmara é de 1889. Em tal Código, temas fundamentais foram inicialmente abordados: edificações, alinhamentos, etc.; asseio, segurança e comodidade pública; polícia preventiva; comércio e indústria; iluminação. Ciganos eram proibidos de permanecer a menos de uma légua do centro, assim como estavam banidos também qualquer tipo de comércio ou indústria prejudicial às edificações e à saúde pública. O horário do funcionamento do comércio deveria respeitaras atividades religiosas do domingo e dias santificados. Determinou-se que nenhum edifício deveria ser construído fora da linha do arruamento, ou deveriam ter muro ou grade nessa mesma linha, e sem a devida fiscalização, dando continuidade à ocupação linear das quadras. Não se condiciona nenhum tipo de adequação estética específica, limitando-se a questões exclusivamente técnico-construtivas. A preocupação com higiene e salubridade está mais relacionada com os terrenos, quintais e a sua ocupação. É estabelecido um padrão de ocupação dos lotes e quadras, gabaritos para as casas térreas e sobrados, o que resulta numa unidade formal do conjunto: 4m de altura para as casas térreas, da soleira da porta da frente ao frechal e 10m para os sobrados, e no máximo 0,55m de largura para as cimalhas e encachorradas. O não cumprimento dessas regras pelos construtores implicava na obrigação de demolir a parte já construída e o pagamento de multa de 30$000. Esse código tinha por objetivo ordenar a cidade e erradicar os resquícios de um ambiente rural, como casas de pau-a-pique e sapé que ainda restavam. Os proprietários estavam encarregados também de efetuar o nivelamento das ruas e colocação das sarjetas. Não havia referência aos subúrbios, delimitados por esse mesmo código, situados além da área entre rios (córrego do Retiro e Ribeirão Preto). Não se define nenhuma obrigatoriedade, ou nem mesmo são mencionadas nos Códigos de Postura estas áreas. A primeira indicação da existência de uma ação planejada ocorre no segundo Código de Posturas da Câmara Municipal, de 1902. Dotar a cidade de completa infra-estrutura urbana foi o principal objetivo municipal de 1889 e 1902. Em 1896 foi estabelecido o Serviço de

[23] LAGES, 1996; FARIA, 2003.

Higiene e Desinfecção, que tinha como anexos o Serviço de Limpeza Pública e Serviço de Arborização de Ruas; no ano seguinte, foi feita a canalização das águas dos córregos do Retiro e ribeirão Preto, e três anos depois foram executados serviços de instalação de luz elétrica e calçamento das ruas. As preocupações com a estética passaram a ser mais presentes a partir dos anos 1910 e 1920. Os embelezamentos urbanos são cobrados como de responsabilidade da própria sociedade, mais até do que do poder público.

Em 1875 uma intensa epidemia de varíola castigou o município, demandando ações urgentes das autoridades municipais. Pobres e miseráveis eram considerados vetores de transmissão em potencial, necessitando ser socorridos e isolados. Operou-se então a criação do cargo de vacinador, de um hospital de isolamento e cemitério dos variolosos pela Comissão de Varíola do município. O hospital e o cemitério foram construídos às margens do córrego ribeirão Preto, próximo ao que seria a Estação do Alto, no atual bairro Simioni (ao norte da cidade), muito afastado da população do centro. Em 1903 a cidade é assolada por uma epidemia de febre amarela. Nesse caso, a ferrovia passou a significar uma porta de entrada para a doença, sobre a qual não se tinha controle. Esta epidemia, segundo o que se concluiu na época, podia representar a decadência econômica da cidade, através da interrupção da circulação de pessoas e mercadorias. A população, em grande parte, retirou-se para municípios vizinhos ou pousava nestas cidades. Mantidas as funções urbanas em funcionamento, as autoridades municipais conseguiram declarar extinta a epidemia em 17 de julho de 1903.

O acúmulo de fossas, estagnação de águas pluviais sem um sistema de escoamento e captação e acúmulo de detritos contribuíram para uma situação desequilibrada no ambiente urbano. A rede de esgoto foi inaugurada em 24 de fevereiro de 1900 pelo engenheiro Flávio de Mendonça Uchôa. O abastecimento de água foi inaugurado em 12 de novembro de 1898. Estes dois serviços foram arrendados por 35 anos e unificados numa única empresa em 1903, a Empresa de Água e Exgottos de Ribeirão Preto, criada pelo mesmo Flavio Uchôa.

Uma das primeiras medidas foi a demarcação do local para edificação do Matadouro, à beira do Córrego do Retiro, no fim da rua Boa Esperança e travessa da rua Botafogo. Essa construção, no entanto, logo seria criticada pela técnica utilizada e pela localização, cada vez mais próxima da população e poluidora das águas que se utilizava para lavar roupas. O primeiro eixo de crescimento de Ribeirão Preto foi às margens do córrego do Retiro. A partir da construção da Linha Férrea da Companhia Mogiana surge um segundo eixo, às margens do ribeirão Preto. O crescimento da população leva à necessidade de se construir novos cemitérios – quatro, até 1893 – cada vez mais distantes do centro. O primeiro

ficava no Largo da Matriz; o segundo era localizado onde posteriormente seria construído edifício da Catedral Metropolitana, no sentido contrário do eixo de crescimento da cidade, mas logo ficou muito próximo; o terceiro era o dos variolosos; o quarto ficava na área da atual praça 7 de Setembro; o quinto fora construído no lote nº 16 do Núcleo Colonial Antônio Prado, bem afastado do centro e até hoje em atividade. A construção de Mercado Municipal em 1900 (entre as ruas São Sebastião, José Bonifácio, Américo Brasiliense e avenida Jerônimo Gonçalves) também contribuiu para atrair a população e o comércio para perto do ribeirão Preto. A grande enchente de 1927 também apressou a necessidade da construção de uma grande obra, a Avenida do Café, ao longo das margens canalizadas do córrego do Retiro. Coube à prefeitura fazer o aterro dos brejos, a canalização, o calçamento e a arborização. Até 1929 os aterros, balaustradas, canalização e pontes já estavam quase todos concluídos.

Em 1899 já existia o primeiro jardim público, chamado de Horto Municipal, na esquina entre a rua Visconde de Inhaúma e a Avenida do Retiro, à margem do córrego do Retiro. Até a conclusão e inauguração do primeiro ajardinamento da Praça XV de Novembro (entre as ruas Tibiriçá e Álvares Cabral, ou seja, menos da metade da área total) no início de 1902, a situação do Largo era bastante precária: não havia abaulamento ou calçamento das ruas e os passeios eram irregulares. Ali também havia casas velhas e pardieiros, e a antiga matriz foi se arruinando com o tempo, até a sua demolição em 1905. Símbolo da modernização em processo e centralizadora do núcleo urbano, a Praça XV se tornaria o local preferencial para a construção de palacetes e outros edifícios suntuosos como a sede da Sociedade Recreativa de Desportos (1906). Além deste, nas suas adjacências, outros espaços públicos retangulares e retos complementariam o projeto urbano de modernização da cidade: Praça Treze de Maio, com o edifício da Catedral Metropolitana em construção[24], praça Schimidt e Praça da Estação (próximas à estação central da Mogiana) e praça Aureliano de Gusmão (atual 7 de Setembro).

A praça Barão do Rio Branco era a continuação do Largo da Matriz, entre as ruas Barão do Amazonas e Cerqueira César. Em 1889 a Câmara determinou a sua divisão e a área para a construção do *Theatro Carlos Gomes*. Entre as duas praças, além do teatro, foi ocupado meio quarteirão com edificações. Na Barão do Rio Branco foram construídos o prédio da Câmara e Cadeia (1904) e o Paço Municipal (1917).

[24] O seu projeto fora aprovado em 1903, e a pedra fundamental fora lançada em 1904. A bênção e o término da construção aconteceram em 1920.

As atividades comerciais que começavam a se implantar no município necessitavam de um ambiente propício ao seu desenvolvimento. Em 1878 a Câmara cria uma zona comercial através das principais ruas da região central da Vila. Conforme Ata de 26 de dezembro de 1878, citada por Faria[25], ficou determinado que a

> Camara marque um quadro comprehendendo as ruas de mais commercio, para dentro do qual os terrenos que existirem pertencentes ao patrimonio devem ser limpos a custa desta Camara, os mais serem os proprietarios obrigadosa conservarem limpos, o qual seo de parecer o mesmo comprehende as ruas do Commercio, Visconde do Rio Branco, Duque de Caxias e General Ozorio, desde a rua da Liberdade até a rua Saldanha Marinho.

A rua General Osório seria o grande eixo comercial, ligando o Largo da Matriz até o edifício definitivo da Estação Mogiana de Estradas de Ferro, construído entre esta rua e a avenida Jerônimo Gonçalves em 1885, às margens do ribeirão Preto[26].

A dinâmica de fatores econômicos, de infra-estrutura e transporte, como foi, por exemplo, a instalação da ferrovia, promoveu no município uma alteração dos acontecimentos em ritmos que não iriam admitir a condição estática do Código de Posturas. Tais fatores exerciam e impunham uma dinâmica também aos poderes políticos, sobretudo à Câmara Municipal, nas suas ações, sessões e atas, a fim de instaurar na cidade condições favoráveis à mudança.

Em 1883 surgiram as primeiras propostas oficiais de implantação de iluminação pública, e implantação até 1884. Os moradores e proprietários eram responsáveis pela colocação dos postes de iluminação a lamparina. Em 1885 a Câmara determina que a área em torno do Largo da Matriz seria prioritária em termos de melhoramentos urbanos, e regulamenta como deve ser provida a iluminação dessa área. Isto evidencia a sua importância como espaço de sociabilidade e de referência urbanística. Esse espaço se caracteriza como ambiente de interação da população, estabelecido por festividades religiosas trazidas por mineiros, escravos e demais povoadores, comemorações lúdico-religiosas que intensificavam a vida social. Como única área livre na cidade propícia à ocupação, as atividades e as pessoas tinham que interagir. Era também ambiente de atividades comerciais. Antes da construção de um mercado em 1901, este era o espaço utilizado para o comércio de gêneros.

---

[25] FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930) – o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**. Dissertação (mestrado). Campinas: Unicamp/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003. Pág. 118.

[26] A ferrovia foi inaugurada em 23 de novembro de 1883, com uma estação provisória.

Aos poucos o lazer e a socialização que ocorriam nos pátios, terreiros e armazéns rurais foram tomando lugar nas ruas, feiras, praças e jardins públicos das áreas urbanas. Cabe ressaltar que este processo de urbanização do lazer pode ser qualificado como uma diversificação das atividades de entretenimento, pois as tradicionais atividades rurais continuariam a ocorrer. A iluminação favorecia o uso noturno da cidade. O lazer da população não estaria mais limitado aos cultos e festas religiosas de caráter familiar e diurno.

O *Theatro Carlos Gomes*, construído pelo cafeicultor Francisco Schimidt, inaugurado em 18 de dezembro de 1897, em sua época constituiu o maior símbolo do poder econômico local e da europeização do espaço urbano. Representa a imposição dos desejos da elite dominante através de uma arquitetura monumental, da sua capacidade de viabilização e de legitimação do seu projeto de cidade moderna, não necessitando de outros personagens e de oposição aos seus projetos. Essa construção marcou profundamente a paisagem urbana. Fazia um contraste evidente com o seu entorno, sem melhorias urbanas dignas daquela edificação, e com o prédio da matriz ao seu lado, de um aspecto bem mais arcaico e simplório. A sua aprovação na Câmara e posterior construção aconteceram antes mesmo da implantação da rede de esgoto, o que demonstra a importância atribuída ao teatro e o que ele representa.

As primeiras indicações da construção do conjunto arquitetônico denominado *Quarteirão Paulista* surgiram na primeira metade dos anos 1920. Dizem respeito à reforma do Hotel Central, que depois desta passaria a ser chamado de *Palace Hotel*. Como no caso do *Carlos Gomes*, este foi construído com os recursos da iniciativa privada, dessa vez do capital industrial da *Companhia Cervejaria Paulista*, constituída com capital exclusivamente ribeirãopretano. A conclusão do conjunto aconteceu com a inauguração do *Theatro Pedro II*, em 8 de outubro de 1930. O teatro e o edifício de escritórios do lado oposto ao hotel foram construídos com o propósito de conjunto, a partir de um projeto único, elaborado pelo arquiteto Hippolyto Gustavo Pujol Junior. A partir de então o velho *Carlos Gomes*, defrontado ao novo teatro, parecia ultrapassado, pequeno e desarmônico, isolado em meio à Praça XV.

1.2.2 O Núcleo Colonial Antônio Prado

A abolição da escravidão, na segunda metade do século XIX criava um duplo problema para os fazendeiros que detinham esse patrimônio: reorganizar o seu sistema de trabalho e renovar a sua mão-de-obra, e criar uma nova garantia de crédito hipotecado, antes representado pelo escravo. A solução para o segundo problema vem a partir da Lei de Terras,

de 1850. A partir de então, a terra se capitalizou e passou a constituir riqueza. Este processo, no entanto, ocorreu de forma gradual e às vezes conflituosa, entre outras coisas porque, antes e depois da lei entrar em vigor, havia muitas terras devolutas e era fácil forjar a sua posse.

A questão da mão-de-obra também foi um problema persistente durante o século XIX, e que resultou em muitos impasses. A solução proposta foi o subsídio à importação de imigrantes, especialmente europeus, pois o governo central tinha como objetivo escuso "clarear" a população brasileira, predominantemente negra, indígena e mestiça. Havia também uma preocupação em se "dignificar" o trabalho trazendo elementos habituados a uma outra ordem social, pois numa sociedade dividida entre senhores e escravos o trabalho manual era considerado degradante. Nas diversas províncias, depois Estados, surgiram diferentes soluções para a falta de mão-de-obra. Os fazendeiros paulistas tinham uma resistência em criar núcleos coloniais no Estado, pois acreditavam que os colonos, se tivessem terras próprias, iriam se tornar concorrentes. Em princípio foram criados núcleos coloniais em locais afastados de povoamentos e sem comunicação. Isso resultou no fracasso dos mesmos e no momentâneo abandono de tal prática, entre 1860 (quando foi criado o núcleo de Cananéia) e 1885 (criação do núcleo de Cascalho, em Cordeirópolis). Em 1887 foram criados mais cinco núcleos, entre os quais o Núcleo Colonial Antônio Prado, em Ribeirão Preto.

Dessa vez a estratégia adotada e as finalidades eram diferentes. Chegou-se à conclusão de que, para fixar o imigrante, era preciso permitir o seu acesso à pequena propriedade, caso contrário ele poderia migrar, ou mesmo voltar à sua pátria de origem, e assim perpetuar o problema da falta de braços para a lavoura. Na segunda metade do século XIX São Paulo começa a sofrer com a falta de abastecimento. Permitir o acesso à pequena propriedade poderia sanar esse problema, pois esses agricultores se ocupariam de cultivar gêneros de subsistência. A proximidade a um centro urbano era fundamental para o escoamento da produção dos colonos e para o seu acesso aos serviços urbanos, o que favorecia a sua fixação e proporcionava uma perspectiva de crescimento populacional e territorial ao município. Dessa forma, estes novos núcleos foram implantados a fim de se criar "viveiros de mão-de-obra"[27].

As terras utilizadas para a formação do Núcleo colonial Antônio Prado se localizavam ao norte do centro urbano de Ribeirão Preto, seguindo os leitos dos córregos que margeavam a cidade e a EF Mogiana. Estas terras foram consideradas devolutas e, uma vez apropriadas pelo Estado, foram loteadas e vendidas aos imigrantes. Eram consideradas de

[27] SILVA, 2006. Pág. 38

baixo valor por estarem à margem dos córregos (várzeas) e cortadas pela ferrovia. No entanto, para os futuros ocupantes das pequenas glebas, isso facilitaria o acesso à água e ao transporte.

No projeto do núcleo estavam previstas uma sede, a ser ocupada por aqueles que comprovassem poder exercer uma atividade ou profissão urbana, e quatro seções rurais, destinadas aos agricultores. Condições para a aquisição de um lote: era dada preferência ao imigrante estrangeiro, recém introduzido no Estado de São Paulo ou mais antigo, e que possuísse família numerosa. Seria concedido apenas um lote por candidato (eram 200 lotes ao todo) nas seções rurais, mas na sede essa regra não foi observada. Seis meses após entregue o lote rural o colono deveria ter roçado e plantado, e construído a sua casa. O lote urbano deveria ter uma edificação erguida, seguindo os alinhamentos demarcados pelo encarregado do núcleo. A pena para o não cumprimento de tais exigências era a perda do lote e das benfeitorias já realizadas. O título definitivo de propriedade era dado ao colono que quitasse a sua dívida. O lote não poderia ser transferido de dono sem a autorização da Inspetoria de Terras, Colonização e Imigração enquanto o núcleo não fosse emancipado, o que aconteceria quando pelo menos a maioria dos colonos quitasse a sua dívida, cujo prazo máximo era de dois anos. Depois de emancipado, o Núcleo passaria a pertencer ao município onde estava situado e os seus lotes se tornariam propriedade particular. Havia obrigatoriedade em se manter os marcos do lote, as dimensões das ruas, inclusive aquelas que servissem a outras povoações e passassem por dentro do núcleo, distanciamento de dois metros e meio entre as árvores que fossem plantadas, indenizações aos proprietários do terreno que fosse utilizado para a abertura de novas estradas, permissão para a utilização de pedras, madeiras e outros materiais das áreas incultas do núcleo para a construção de pontes, casas e outras benfeitorias, limpeza da frente do lote, desobstrução de valetas e encaminhamento das águas pluviais. Enfim, havia uma espécie de "plano diretor" em relação a alguns aspectos da infra-estrutura[28] Depois de emancipado, já em 1892, o núcleo Colonial Antônio Prado saiu da tutela do Estado e deixou de ter administradores e encarregados. Os seus lotes passaram a fazer parte do mercado de terras e puderam ser comercializados livremente. Nesse período de transição houve uma valorização dos terrenos, que mesmo assim continuavam com preços baixos e acessíveis àqueles que não podiam morar em outras áreas do centro urbano. Certas instalações passaram a ocupara sua área, pelo preço baixo dos terrenos e por serem consideradas perigosas à saúde da população do centro, cujo povoamento era mais denso e mais elitizado. No Núcleo se concentravam fábricas, o Cemitério Municipal, o Hospital de Isolamento de

[28] SILVA, 2006.

Leprosos (Lazaretto), o Matadouro, etc. Ao lado do lote n° 7A da Sede ficava uma estação de trem. O Barracão, que dava nome à estação próxima[29], consistia num galpão onde se alojavam provisoriamente os imigrantes, tal como a Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo. Ali eles eram recebidos e aguardavam ser encaminhados para as fazendas onde iriam trabalhar, ou faziam o pedido de lote. O Barracão também funcionava como uma espécie de "prefeitura" do Núcleo, e concentrava toda a documentação referente ao mesmo, a qual se incendiou junto com o prédio no início do século XX. Posteriormente, o Núcleo foi cortado também pelo ramal da *Mogiana* que ia até Sertãozinho, e pela *EF São Paulo - Minas*. O bairro que se formou após a emancipação do Núcleo continuou sendo denominado Barracão, mas com uma distinção: a área ao sul da linha da *Mogiana* era chamada Barracão de Baixo, e ao norte, Barracão de Cima.

As chácaras do Núcleo produziam os gêneros de subsistência necessários à cidade, e isso constituía uma das formas de ganho dos seus habitantes. O que lhes proporcionava a maior renda era a criação de gado leiteiro: vendiam o leite diretamente nas residências ou à fábrica de laticínios *Rio Pardo*. Alguns plantavam café em suas pequenas propriedades. Uma ocupação que se tornou bastante comum e predominante até 1892 foi a de alugar charretes para o transporte de mercadorias e pessoas, pois a estação Barracão e a cidade eram distantes das extremidades do Núcleo. Dentro da cidade também eram comuns os "carros de aluguel", pois esta nunca chegou a ter bondes. Esse era então o principal meio de transporte em distâncias mais curtas.

Nos principais eixos de trânsito do Núcleo formaram-se os principais corredores de povoamento e de comércio: a rua Capitão Salmão (entre a sede e a segunda seção), no Barracão de Cima, e a rua Saldanha Marinho (entre a terceira e a quarta seção, continuação do caminho para Batatais), no Barracão de Baixo. Apesar de a sede ter sido planejada para esta finalidade, a terceira seção urbanizou-se mais rapidamente, favorecida pela proximidade em relação à cidade e a localização da Santa Casa de Misericórdia e do cemitério, na rua Saldanha Marinho.

A implantação do núcleo em questão viria a desenhar imediatamente o fundamento de uma "geografia social da cidade", que perdura até a atualidade: o vetor de expansão sul, partindo do "quadrilátero central", nas proximidades com a Avenida Nove de Julho e Independência, configurando a centralidade da elite, concentrando valores imobiliários altos, habitações luxuosas, alto consumo e mais investimentos públicos; no sentido oposto, a partir

---

[29] *"Provavelmente existia uma estação provisória junto ao Barracão pois, segundo Zamboni (1993), a Estação Barracão data de 1/6/1900."* SILVA, 2006, op. cit, pág. 79.

da chamada "baixada" formada pelo encontro do ribeirão Preto e do córrego Retiro, na proximidade com as avenidas Jerônimo Gonçalves e Francisco Junqueira, seguindo por todo o eixo Norte, entre os bairros que tiveram origem no Núcleo Colonial Antônio Prado, foi delimitado o território da pobreza.

1.2.3 Bairros formados a partir de terras particulares

Segundo Valadão[30], "a partir das duas últimas décadas do século XIX, a vila ultrapassava os limites impostos pelo arruamento concebido como prolongamento do original traçado ortogonal." Assim surgiram alguns núcleos de povoamento na periferia rural, de dimensões menores, que deram origem aos primeiros bairros. Essa expansão aconteceu de forma espontânea e sem o devido planejamento.

1.2.3.1 Retiro

Antes da chegada da Mogiana, o eixo de expansão da cidade era através do leito do córrego do Retiro. Havia povoamento em ambas as margens, e a parte oposta à "cidade" era chamada de bairro Retiro. Entre a "cidade" e a Terceira Seção do Núcleo Colonial Antônio Prado, contribuiu para o desenvolvimento desta, que se tornou a parte mais rapidamente urbanizada do Núcleo. Nele se localizava o Horto Municipal, depois transformado em Bosque Municipal Fábio Barreto.

1.2.3.2 República

Localizava-se ao longo do ribeirão Preto. Ali, em frente à chácara de André Villa Lobos, foi fixada a primeira estação da Mogiana. Funcionários da Companhia de Estradas de Ferro Mogiana teriam se instalado nas proximidades da estação. Segundo Valadão[31], "*este foi o primeiro a se desenvolver além do núcleo original, tendo sua ocupação ocorrido, a princípio, de forma espontânea por chácaras ali estabelecidas*" desde o último quartel do século XIX. Esse bairro teve seu desenvolvimento comprometido devido às enchentes do ribeirão Preto.

Em 1925 um novo loteamento foi aberto por Álvaro Lima, denominado Vila Virgínia, em homenagem à sua esposa. Seu traçado seguia o modelo quadriculado em uso na época. Além de vender os lotes, Álvaro Lima doou áreas para a construção de escolas e

---

[30] VALADÃO, Valéria. **Memória arquitetônica em Ribeirão Preto – política de preservação e plano diretor**. Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/Departamento de História, 1998.

[31] VALADÃO, 1998, op. cit.

igrejas. O seu proprietário também requisitou da administração pública municipal a implantação de rede de água e esgoto. A urbanização do entorno desse loteamento, em direção à "cidade", fez com que ele se juntasse ao antigo bairro República.

1.2.3.3 Santa Cruz de José Jacques

Citando PRATES (1956), VALADÃO (1998) afirma que, por volta de 1880, José Theodoro Jacques adquiriu glebas próximas ao caminho de São Simão e ali se estabeleceu, formando uma chácara e uma olaria, mais uma capela dedicada a São João. Outros moradores adquiriram terras e construíram casas próximas à capela. Por volta de 1892 a capela já tinha sido ampliada, oficializada e doada à Igreja. Por ordem das autoridades eclesiásticas, ao seu entorno foi demarcado um largo, assim como os arruamentos circundantes.

1.2.3.4 Vila Tibério

A Vila Tibério foi o primeiro grande loteamento particular de Ribeirão Preto. De acordo com SILVA (2006) a partir da leitura de PRATES (1971) e CIONE (1997), esse loteamento foi formado por iniciativa de Tibério Augusto Garcia de Senna. A partir de terras herdadas por sua esposa, e valendo-se de sua profissão de agrimensor, Tibério Augusto abriu o loteamento em 1894. Seus preços eram acessíveis às classes trabalhadoras e foi ocupado rapidamente. A sua localização também era interessante, pois ficava junto à "cidade", atrás da estação central da Mogiana. Em princípio, abrigou muitos funcionários da E. F. Mogiana, imigrantes a fim de se integrarem na vida urbana e funcionários das cervejarias que ali iriam se implantar na década de 1910. A Vila Tibério contribuiu para o desenvolvimento da Sede e Primeira Seção do Núcleo Colonial Antônio Prado por estar entre estas e a "cidade", e para condicionar a expansão da malha urbana no sentido oeste, até a década de 1920.

1.2.3.5 Higienópolis

A porção mais elitizada se situava na "cidade", e ocupava terrenos cada vez mais ao sul, em direção ao largo Treze de Maio, onde foi construída a Catedral e ao largo Sete de Setembro. Essa ocupação ao sul da praça XV de novembro passou a se chamar bairro Higienópolis.

2. A economia

2.1 A cafeicultura

Nos primórdios do povoamento de Ribeirão Preto, os cafeicultores que chegavam enfrentaram conflitos com os antigos posseiros pecuaristas, mas estes foram derrotados por essa classe de proprietários mais enriquecida e bem estruturada.

> No ano seguinte à chegada dos irmãos Pereira Barreto, já existia café em propriedades de Manoel Otaviano Junqueira, José Bento Junqueira, Rodrigo Barreto e Manoel da Cunha Diniz Junqueira. Em seguida, chegam os que vêm a ser os maiores produtores de café, Martinho Prado Jr., Henrique Dumont e Francisco Schimidt. Os irmãos Pereira Barreto, juntamente com Martinho Prado, iniciam uma intensa publicidade em torno da fertilidade das terras do Município, divulgando pela imprensa os resultados das plantações realizadas, e atraindo investidores para a região.[32]

O cultivo extensivo de café em Ribeirão Preto começou na década de 1870 e teve seu auge até 1930. O período desde a década de 1880 até a de 1930 foi a época em que o oeste de São Paulo predominou entre as áreas produtoras de café no mundo, principalmente aquela denominada Alta Mogiana[33], cujo município de maior destaque, foi Ribeirão Preto. Um número reduzido de proprietários era responsável por 62% da produção de café. Tinham uma produtividade média de 72 arrobas/1000 pés. Na Alta Mogiana, Ribeirão Preto era o município que concentrava a maior produção, a maior produtividade e a maior concentração de grandes cafezais.

De acordo com Pinto[34], a agricultura de subsistência e a criação de gado tiveram papel fundamental no preparo do município para o café, permitindo abertura das matas, o desbravamento do sertão, a ocupação efetiva do solo e a permanência de uma quantidade razoável de moradores, mão-de-obra livre em potencial. As principais questões de legalização e disputa de terras teriam sido resolvidas até a década de 1870, quando se inicia o processo de exploração intensiva da terra.

> Houve uma corrida à região do Oeste Paulista, especialmente para as cidades de S. Simão, Cravinhos, Sertãozinho e Ribeirão Preto após a chegada da ferrovia em Campinas, em 1872. Em 1874, a ferrovia já havia chegado em Limeira. As terras economicamente viáveis para se plantar café eram as distantes até 200

---

[32] SILVA, 2007, op. cit, pág. 53

[33] Nesse período a Província ou Estado de São Paulo era dividido em áreas correspondentes às estradas de ferro o que cortavam. A região conhecida como Alta Mogiana correspondia a áreas próximas dos municípios.

[34] PINTO, Luciana Suarez Galvão. **Ribeirão Preto: a dinâmica da economia cafeeira de 1970 a 1930**. Dissertação de mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista/ Departamento de Economia, 2000.

> quilômetros da última estação ferroviária, portanto, em 1874 Ribeirão se tornava uma área muito atrativa para o café.[35]

O auge da formação de cafezais e da compra de terras dura entre as décadas de 1870 e 1890.

O maior produtor de café, Francisco Schimidt, era um imigrante alemão, nascido em 1850. Em 1889 comprou sua primeira fazenda, a Bela Paisagem, em Santa Rita do Passa Quatro. Em 1890 vendeu esta fazenda e associou-se a Arthur Aguiar Diederichsen para comprar a Monte Alegre, em Ribeirão Preto. Diederichsen desiste do negócio em menos de quinze dias e Schimidt ficou com toda a fazenda, comprando-a financiada. A Fazenda Monte Alegre foi o ponto de partida para os seus negócios: depois comprou terras próximas e em outras cidades (Sertãozinho, Franca, Brodowski, Orlândia, Araraquara e Pontal). Em 1889 já possuía 12 fazendas. Investiu na indústria açucareira (um dos pioneiros da produção do açúcar na região), na criação de gado (tinha mais de 14.000 cabeças) e na plantação de algodão. Em 1912 já possuía o maior cafeeiro do Estado de São Paulo, com 7.885.154 pés. Chegou a possuir 30 fazendas, 17 em Ribeirão Preto, e cerca de 7.000 trabalhadores[36]. Francisco Schimidt foi vereador e prefeito. Sua influência política era considerável:

> ... em RP nada se faz sem o concurso poderoso de sua assistência, que tem parte em todos os melhoramentos urbanos, que vela pelos hospitaes e auxilia todas as instituições de caridade... eis em franca syntese o que é o Cel. Francisco Schimidt, a encarnação perfeita do trabalho e do dever a quem o público deu o justo título de Rei do Café.[37]

O segundo maior produtor era a Cia. Agrícola Dumont, fundada por Henrique Dumont. Deixando a engenharia, passou a administrar a fazenda de seu sogro, em Casal, próxima a Valença, no Vale do Paraíba fluminense. Em 1879 transferiu-se para a província de São Paulo. Sabe-se que em 1890 já estava estabelecido em Ribeirão Preto. Sua fazenda possuía inclusive um ramal férreo. Morreu em 1892, e tempos depois seus herdeiros venderam a fazenda a um grupo inglês, que formou a Dumont Cofee Co., ou Cia. Agrícola Dumont[38].

---

[35] PINTO, 2000, op. cit.

[36] Pinto, 2000, op. cit, pág. 76-78.

[37] **Almanach Illustrado de Ribeirão Preto**, 1914, não pag. *apud* PINTO, 2000, pág.79.

[38] Ficha 2.503 do Museu do café, pág. 679-81 *apud* PINTO, 2000, op. cit, pág.79.

O terceiro maior produtor, a Cia. Guatapará, foi fundada por Martinho Prado Jr. em 1885. Em 1868 tornou-se administrador de duas fazendas de seu irmão Antônio da Silva Prado, conselheiro Antônio Prado: Campo Alto e Santa Cruz. Em 1877 partiu em viagem até São Simão e Ribeirão Preto. Pouco depois da viagem, adquiriu a primeira fazenda em Ribeirão (Albertina); a Guatapará e a São Martinho, em 1887. Trouxe trabalhadores livres da Bahia e imigrantes italianos. Faleceu em 1906.

Francisca Silveira do Val era a quarta maior produtora. Era dona da fazenda Santa Thereza, empregava 192 famílias de colonos e dispunha de uma estação da Mogiana. Residia em São Paulo, e sua fazenda era administrada por Theotonio Monteiro de Barros.

A quinta maior produtora, Iria Alves Ferreira, conhecida como "rainha do café", era considerada grande benemérita no município. Proprietária da fazenda Pau Alto, com 1.500.000 pés de café, e onde viviam 120 famílias de colonos.

O sexto maior produtor era Francisco Maximiano Junqueira. Possuía três fazendas: Fazenda da Serra (274.000 pés e 40 famílias de colonos), fazenda Bachadão (200.000 pés e 115 famílias de colonos) e Capão da Cruz (100.000 pés e 20 famílias de colonos. Ali havia linha telefônica).

O sétimo maior produtor era Joaquim da Cunha Diniz Junqueira (Quinzinho Junqueira), proprietário da fazenda Boa Vista, com 800.000 pés de café e 1000 trabalhadores divididos em quatro colônias.

Os dados sobre a produção eram escassos, alguns por ano e outros por safra, e apresentam tendência de queda. Em 1901 houve um pico que nunca mais foi atingido. A queda na produção reflete o desgaste das terras, pois nenhuma alteração brusca no número de cafeeiros foi verificada.

2.2 O Complexo cafeeiro

De acordo com Wilson Cano[39], as mais avançadas e dinâmicas relações de produção do complexo cafeeiro possibilitaram o acelerado e diversificado crescimento da economia paulista. Esse complexo compreendia uma série de atividades econômicas que cresceram e se desenvolveram em função da cafeicultura. A partir de 1886/1887 até 1897, as condições eram favoráveis para a expansão do plantio, especialmente nas terras do oeste de São Paulo. Essa expansão fez com que fossem atraídos capitais e mão-de-obra – 30% dos

---

[39] CANO, W. **Raizes da concentração industrial em São Paulo**. Campinas: Unicamp, 1998

imigrantes atraídos para São Paulo se dirigiram para as zonas "pioneiras" da Mogiana, entre 1901 e 1920.

O emprego do trabalho livre na cafeicultura possibilitou as seguintes vantagens no sentido do desenvolvimento capitalista: aumento da produtividade e diminuição dos custos, diversificação agrícola, surgimento de uma ampla camada social com capacidade de consumo e o alargamento da disponibilidade de mão-de-obra para a expansão urbano-industrial. Esses trabalhadores também eram responsáveis pela produção de alimentos dentro das próprias fazendas de café (arrendando uma parte do terreno e nas "ruas" do cafezal) ou em pequenas propriedades, contribuindo para diversificar a agricultura paulista e diminuir a importação de alimentos pelo Estado. O crescimento urbano aumenta a demanda por esses gêneros, pressionando para que a agricultura de subsistência se tornasse cada vez mais independente da cafeicultura.

As ferrovias, além de diminuir os custos aos cafeicultores, também lhes proporcionavam lucros, tornando-se um bom investimento por si só – os fazendeiros de café foram os grandes organizadores e investidores da maior parte das ferrovias paulistas.

> À medida que a atividade nuclear se ampliava, passou a induzir crescentemente, o surgimento de uma série de atividades tipicamente urbanas, como a industrial, a bncária, escritórios, armazéns e oficinas de estradas de fero, comércio atacadista, comércio de exportação e importação e outros, requerendo e facultando, ainda, a expansão do aparelho do Estado. No momento em que estas crescessem, uma série de outras, mais vinculadas ao processo de urbanização, também se desenvolveriam: o comércio varejista, os transportes urbanos, comunicações, energia elétrica, construção civil, equipamentos urbanos, etc.[40]

A indústria do entretenimento teria surgido, então, como uma conseqüência do desenvolvimento do complexo cafeeiro no sentido das atividades mais vinculadas ao processo de urbanização. Ainda não há informações de natureza econômica sobre os negócios ligados ao entretenimento nesta cidade.

2.3 Economia urbana: comércio, serviços e indústria

A chegada de imigrantes contribuiu para ampliar a demanda por gêneros alimentícios, vestuário, muradias. Muitos deles possuíam algum outro tipo de profissão além da agricultura, geralmente ligada à manufatura. Assim que podiam, deixavam as fazendas a fim de se tornarem proprietários ou passavam a se dedicar a profissões urbanas, abastecendo o

[40] CANO, W. **Raizes da concentração industrial em São Paulo**. Campinas: Unicamp, 1998. Pág. 80

mercado local com seus produtos e serviços, ao mesmo tempo em que eram também consumidores.

De acordo com Silva[41] nos primeiros anos do Núcleo Colonial praticamente não existiam estabelecimentos comerciais, nem mesmo na Sede. Os lucros dos moradores eram obtidos por atividades predominantemente rurais e do comércio de terras. As profissões urbanas passaram a ser exercidas principalmente por aqueles que compraram terras dos primeiros proprietários, ou seus descendentes.

A profissão de carroceiro (carro de aluguel) era muito comum no Nucleo Colonial Antônio Prado, pois havia bastante solicitação de transporte de pessoas e mercadorias. Até 1892 essa foi a atividade predominante. Fora do núcleo esta atividade também era muito comum. Os sitiantes do núcleo plantavam gêneros de subsistência e criavam animais, plantavam café e o colhiam nas fazendas para fazer economias. O maior rendimento era proveniente da criação de gado leiteiro, que lhes propiciou condições p/ adquirir novas terras. O leite era vendido no centro urbano e os Laticinios Rio Pardo eram seus maiores clientes[42].

A feira livre aos domingos no largo da matriz (lugar preferencial onde se comercializavam os produtos alimentícios) foi organizada numa tentativa de regularizar e organizar o comércio ambulante, e garantir a qualidade dos alimentos. Essa foi a primeira iniciativa no sentido de regularizar o comércio no espaço urbano. Um primeiro mercado foi construído em 1889, às margens do Ribeirão Preto, e incendiado poucos anos depois. Junto a ele foi construída uma praça, que depois do incêndio passou a servir de local para a feira livre. A firma Folema & Cia. venceu a concorrência para construir um novo mercado, inaugurado em 1901. Ali havia diariamente um funcionário público responsável pelo controle dos gêneros comercializados e pelo recolhimento dos impostos.

Para analisar como ocorreu a diversificação das atividades urbanas em Ribeirão Preto, PINTO (2000) se utilizou de seis fontes[43]: **Almanach do Estado de São Paulo de 1890**; **Recenseamento Agrícola da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto**, (referente a 1902, e apresentado à Câmara em 1903. Além da agricultura, também abordava outras atividades); **Relatório da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto** (1904); **Almanach Illustrado de Ribeirão Preto** (1914)[44]; Os municípios do Estado de São Paulo (1924); Os municípios do Estado de São Paulo (1933). As fontes não possibilitaram a comparação

[41] SILVA, 2007, op. cit, pág. 97.
[42] SILVA, 2007, op. cit, pág. 85.

[43] Não se sabe ao certo como as tabelas presentes nas fontes foram elaboradas.

[44] A forma de organização deste serviu de base para a uniformização dos dados das outras fontes.

observando os mesmos intervalos de tempo. Anos em que havia dados para as diversas atividades: comércio: 1890, 1904, 1933; indústria: 1890, 1902, 1904, 19014, 1924; profissionais liberais e prestadores de serviços: 1890, 1902, 1904, 1914 e 1933. Portanto, análises gerais foram possíveis apenas para os anos 1890, 1904 e 1914.

Ribeirão Preto, no período 1890-1914, experimenta um crescimento de 69,70% no total de estabelecimentos econômicos. Em 1890 havia 340 estabelecimentos, sendo 186 comerciais, 127 profissionais liberais/ serviços e 27 industriais. Respectivamente, cada um corresponde a 54,71%, 37,35%, 7,94% do total. Em 1904 havia 538 estabelecimentos, 59,48% comerciais, 34,39% profissionais liberais/serviços, 6,13% industriais. Em 1914 havia 47,14% de estabelecimentos comerciais, 45,23% de profissionais liberais/ prestadores de serviços e 7,63% de indústrias.

As indústrias que existiam eram ligadas à produção de alimentos, como massas, licores, cervejas, açúcar, doces e à atividade cafeicultora, como torrefação, máquinas de beneficiar, moinhos e fábricas de peneiras. A indústria não teria se expandido no município porque demandava maiores investimentos, e tinha que disputar capital e mão-de-obra com o café. Esta, por ser uma atividade econômica altamente rentável, não permitia o desvio dos seus recursos. O transporte pela Mogiana também pode ter desestimulado o surgimento e a consolidação da indústria municipal, pois dessa maneira os produtos vinham da capital e eram comercializados nesta e nas cidades vizinhas. O comércio era a atividade que possuía o maior número de estabelecimentos no município, seguido da prestação de serviços e, por último, a indústria.

2.3.2 Comércio

O centro da cidade concentrava a maior parte dos estabelecimentos comerciais no período estudado. Durante o processo de urbanização do Barracão de Baixo, surgiram dois eixo de concentração da população e do comércio: a Rua da Colônia (atual avenida da Saudade), continuação da rua Saldanha Marinho, do centro, que fazia a ligação da 3ª seção do Núcleo com a cidade. O segundo eixo era a rua Capitão Salomão (sua extensão, no sentido do bairro Ipiranga, hoje recebe o nome de avenida D. Pedro I), através da 2ª seção, fazendo ligação com a 3ª. O período estudado revela uma tendência de aumento da diversidade e especialização do comércio.

Dos 186 estabelecimentos comerciais em 1890, 38,70% eram armazéns, 14,51% eram açougues, 14,51% vendiam tecidos, armarinhos, calçados e chapéus. Juntos, correspondem a 67,72% do total de estabelecimentos.

Entre 1890 e 1904 há um aumento dos estabelecimentos comerciais de 72,04%. Os armazéns correspondem a 38,75%; botequins, 15,62%; lojas de fazendas, 9,06%. Cresce o número de botequins de 5 em 1890 para 50 em 1904. Em 1904 surgiram estabelecimentos que não existiam antes: loja de calçados, agência de navegação, casas de móveis, casas de câmbio, tipografias, casas de armas e depósitos de cal, lenha e madeira. O surgimento de cinco hotéis e dezoito hospedarias em 1904 contra cinco hotéis em 1890 demonstra o aumento de pessoas em trânsito pela cidade.

Em 1914 o número de estabelecimentos comerciais cai de 320 em 1904 para 272. Porém aumenta a diversificação: armazéns agora correspondem a 27,57% do total; fazendas e armarinhos, 8,45%; compradores de café, 6,61%. Surgem agências de jornais, seguros, capitalistas e chapelaria, casas de bicicletas, de máquinas de costura, casas de louças, de brinquedos, livrarias e papelarias.

No período entre 1914 e1933 há um aumento significativo do comércio. Armazéns ainda ocupam lugar de destaque, 14,28%, a maior concentração. Bares e restaurantes, 6,75%; casas de fazendas e armarinhos, 5,69%.

2.3.3 Profissionais liberais e prestadores de serviços

Em 1890 havia 127 profissionais: 16 carroceiros; 10 empreiteiros; 9 advogados; 9 alfaiates; 9 caldeireiros; 9 médicos; 9 sapateiros; mais engenheiros, capitalistas e um fotógrafo.

Em 1902 há um aumento de 595,27% e uma maior diversificação, com a presença de farmacêuticos, leiloeiros, magistrados, carpinteiros, marceneiros e mecânicos. As ocupações e estabelecimentos em maior número são: maquinistas, 261; costureiras, 37 (28 das quais estrangeiras); oficinas de alfaiates, 24 (entre as 48 pessoas empregadas, 38 estrangeiros); oficinas de carpintaria e marcenaria, 32 (entre os 42 empregados, 28 estrangeiros); parteiras, 11 (10 estrangeiras). Constatou-se que a maioria dos profissionais eram estrangeiros, com exceção dos maquinistas.

Em 1904 há uma queda do número de profissionais analisados, talvez como reflexo da crise do início do século e da restrição à expansão das plantações. De 756 estabelecimentos em 1902, Ribeirão Preto passa a ter 185 (75% de queda). Porém, há um

aumento na diversificação. Maiores concentrações: 19 alfaiates, 16 oficinas de sapateiros, 15 barbeiros, 15 escritórios de advogados, 14 oficinas de costura. Aparecem pela primeira vez: consertador de armas, construtores, empresários de pedreira, marmoristas, consertador de instrumentos musicais e ourives.

A estabilização da situação do café e o aumento da atividade econômica no período anterior à 1ª Guerra Mundial podem ter causado o aumento do número de profissionais e serviços em 1914 de 185 para 261: 34 alfaiates, 24 costureiras, 23 barbeiros, 23 sapateiros, 19 médicos, 18 advogados, 15 funileiros e 14 dentistas.

2.2.3 Indústria

> Antes da 1ª Guerra, os bairros 'Barracão de Baixo' e 'Barracão de Cima' já haviam sido responsáveis pela extensão do eixo de crescimento da cidade para o norte, onde as indústrias estavam sendo implantadas.[45]

O **Almannach Illustrado de Ribeirão Preto** de 1913 apresenta o Barracão como *"o Braz de Ribeirão Preto":*

> (...) este bairro apresenta um progresso admirável. O seu movimento é semelhante ao de uma grande cidade (...) Possui o bairro aludido grande indústria, desenvolvido comércio, avultado número de habitantes e várias escolas estaduais. É cortado por largas ruas, tem amplas praças e possui prédios de alto valor.[46]

As atividades predominantes no Estado na década de 20 ainda são as têxteis e alimentares, e os ramos básicos da infra-estrutura industrial ainda não representavam contingente apreciável. Na década de 1920 a indústria que se desprendeu do complexo cafeeiro concentrava-se na capital e nos centros urbanos maiores. Entretanto, o interior do Estado oferecia condições para a indústria se desenvolver. Ainda de acordo com SILVA (2007), a vocação industrial do Núcleo foi determinada por vários fatores: o Art. 54 do **Código de Posturas Municipais** de 1889 determinava que fábricas e máquinas que pudessem prejudicar a saúde pública eram proibidas dentro da povoação, ou seja, dentro do quadrilátero central. O valor das terras do Barracão era mais baixo, por serem terrenos de várzea e próximos da estrada de ferro. Ali havia também um mercado de mão-de-obra local,

---

[45] SILVA, 2007, op. cit, pág. 91.

[46] Sá, Manaia & cia., 1913: 24-25 *apud* SILVA, 2007, pág. 101.

proximidade de lenha e recursos hídricos, proximidade das olarias e proximidade do transporte pela Mogiana.

O hábito de beber cerveja fora introduzido na cidade pelos imigrantes. Eles a fabricavam de forma artesanal, até surgirem as primeiras indústrias, que se tornaram algumas das mais importantes da cidade no período estudado. Em 1892 havia dois pequenos fabricantes no Núcleo Colonial. A primeira grande fábrica foi a *Livi & Bertoldi*, localizada na rua Capitão Salomão, na 3ª seção, provavelmente ainda no século XIX. Seus produtos foram premiados na *1ª Exposição Artística, Industrial e Agrícola do 3° Distrito Agronômico do Estado* em 1901. Ali se produzia vinho branco, vermouth, vinho quinado, licores, água mineral, água com gás, conhaque, amargo estomacal, rum (*Negrinha*) e a cerveja *Mulatta*. Em 11 de agosto de 1911 é inaugurada a fábrica da Cervejaria Antarctica, e no ano seguinte, a Cia. Cervejaria Paulista, por empreendedores exclusivamente de Ribeirão Preto, que se tornaram as duas maiores cervejarias, e impulsionaram o crescimento da Vila Tibério, já ocupada por operários.

À atividade industrial entre 1890 e 1924 correspondem pequenas fábricas, curtumes, moinhos, máquinas de beneficiar, serrarias, refinações e vidraçarias.

Em 1890 havia 27 indústrias, das quais 8 cervejarias, 4 fábricas de móveis, 4 fábricas de colchões, 3 fábricas de carroças, 1 fábrica de café em pó, 1 fábrica de água gasosa, 1 fábrica de licores, 1 máquina de beneficiar café, 2 fábricas de massas alimentícias e 1 serraria a vapor.

Em 1902 há um aumento para 98 estabelecimentos, que pode estar relacionado com o aumento da imigração. Havia 25 fábricas de calçados (onde trabalhavam 80 pessoas, todos estrangeiros), 10 olarias (23 trabalhadores, 20 estrangeiros), 9 fábricas de carroças (32 trabalhadores 25 estrangeiros), 1 fábrica de caramelos, 3 fábricas de charutos, 1 curtume, 1 fábrica de espelhos, 1 de fogos, 2 de peneiras, 1 de sabonetes, 6 fábricas de massas, 4 máquinas de beneficiar café, 4 refinações de açúcar. A maioria dos trabalhadores da indústria eram estrangeiros. Sobre os proprietários dos estabelecimentos não há informação.

Em 1904 foram arrolados 33 estabelecimentos. Essa queda provavelmente aconteceu devido à metodologia da pesquisa de 1902, que fora encomendada e paga, e por isso pode estar mais completa. A de 1904 não se sabe como foi feita. Não há dados sobre fábricas de calçados, que correspondiam à maioria dos estabelecimentos em 1902. Diminuem as fábricas de fogos, massas, sabão, peneiras e gelo. Maiores concentrações em 1904: 3 refinarias de açúcar, 5 máquinas de beneficiar arroz, 3 máquinas de beneficiar café, e surgem 3 torrefações de café.

Em 1914, os estabelecimentos são 44, dos quais 4 fábricas de calçados, 3 fábricas de cerveja, 4 moinhos de café e 3 máquinas de beneficiar arroz e café.

3. A sociedade

3.1 Crescimento e formação da população

Pelo ressenceamento de 1873, citado por Borges[47], o povoado que daria origem à cidade possuía 5.552 habitantes, entre os quais 857 eram escravos. Pelo recenseamento de 1886, também citado por BORGES (1999, P. 21), Ribeirão Preto possuía 10.420 habitantes. Tal crescimento deveu-se, certamente, ao início da cafeicultura, na década de 1870. Em 1902, a cidade já contava com 52.910 habitantes, dos quais 19.711 eram brasileiros e 33.199 estrangeiros (27.765 italianos e 5.434 de outras nacionalidades)[48]. Walker apresenta algumas tabelas[49] quantitativas sobre a população da cidade, em diferentes aspectos:

População do município de Ribeirão Preto por zona de domicílio[50]

	Total	Rural	Urbana
1912	58.220	39.488	18.732
1920	68.838	Dados não disponíveis	Dados não disponíveis

Observamos, então, que no decênio entre 1902 e 1912 houve uma estabilização do crescimento, que aumentou nos anos seguintes, porém num ritmo bem mais lento. Entre 1886 e 1902, o grande aumento populacional, principalmente de estrangeiros, deveu-se à expansão da cafeicultura e à instalação do Núcleo Colonial Antônio Prado. Em 1912, cerca de 1/3 dos habitantes do município ocupavam a zona urbana.

---

[47]BORGES, Maria Elizia. **A pintura na "capital do café" – sua história e evolução no período da Primeira República**. Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/ Departamento de História, 1999. Pág. 17.

[48] BORGES, 1999, op. cit, pág 29.

[49] Baseadas nos censos: RECENSEAMENTO do Município. **A Cidade**, 18/mar/1913, p.1 (realizado em 1912 por uma comissão nomeada pela Câmara Municipal); MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento geral do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920**. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística. v. IV, parte 1 (população), 1923

[50] WALKER e BARBOSA, 2000, op. cit, pág. 45.

	total	Brasileiros	Estrangeiros	Itália	Espanha	Portugal	Japão	Oriente Médio	Outras localidades
1912	58.220	33.862	24.358	14.561	2.558	4.913	*	481	1.845
	100%	58,16%	41, 83%						
			100%	59,77%	10,5%	20,16%		1,96%	7,57%
1920	68.838**	47.089	21.748	10.907	5.407	2.706	1.232	234	1.262
	100%	68,4%	31,59%	15,84%	7,85%	3,93%	1,78%	0,33%	1,83%
			100%	50,15%	24,86%	12,44%	5,66%	1,07%	5,8%

A população do município de Ribeirão Preto por nacionalidade

*: Dados não disponíveis.

**: Em 1920 havia 1 pessoa cuja nacionalidade não estava determinada.

Pelos dados da tabela podemos perceber que a proporção de estrangeiros diminuiu de 1902 a 1920. Isto se deve à estabilização da imigração e ao nascimento de novas gerações brasileiras de famílias de estrangeiros.

Souza assim define a população ribeirãopretana:

> Um ambiente urbano basicamente constituído por três grupos sociais: uma pequena elite ligada aos negócios do café e congêneres, uma expressiva população branca, composta por elementos nacionais e descendentes de europeus que começavam a se destacar como comerciantes, pequenos industriais, no setor de serviços, enquanto a população negra buscava se estabelecer economicamente (...).[51]

Thomas Walker em *Dos Coronéis à Metrópole* tem uma perspectiva positiva e otimista quanto à sociedade ribeirãopretana da República Velha, qualificando-a de "cosmopolita", "dinâmica", "próspera" e "aberta", pois a cidade desenvolveu-se durante um

[51]SOUZA, Sérgio Luiz de. **(Re)vivências negras: entre batuques e devoções – práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950)**. Ribeirão Preto: edição do autor, 2007. Pág. 69

período de fartura, quando se poderia esperar que invejas e preconceitos acontecessem pouco, e qualidades de cooperação e generosidade fossem comuns. Eram poucos e pouco expressivos os casos de intolerância por religião, classe social e cor, com raras exceções. Segundo o autor, a forma de discriminação mais acentuada era em relação à nacionalidade. No entanto, essa "convivência pacífica" acontecia devido a uma ocupação segmentada do espaço urbano.

Souza justifica o uso de depoimentos como fontes para a sua pesquisa:

> Nos jornais e em outros documentos, assim como na bibliografia consultada sobre a cidade, são escassas as referências a respeito das vivências das populações negras.
>
> Cabe ressaltar que as poucas referências encontradas, em sua quase totalidade, diziam respeito a visões depreciativas ou a visões estereotipadas de cidadãos civilizados e ordeiros, vivendo em perfeita harmonia social.[52]

Esta é uma clara demonstração do desejo de branqueamento, normalização e uniformização da sociedade. O **Código de Posturas da Câmara municipal de Ribeirão Preto**, de 30 de setembro de 1889, no *Capítulo II*, que tratava do *Asseio, segurança e comodidade publica*, no Art.48, proibia *"as dansas chamadas batuques e cateretê, sob a pena de multa de 20$000 e cinco dias de prisão ao dono da casa, onde se derem taes dansas e de 5$000 e 24 horas de prisão a cada dansador"*. Podemos interpretar tal restrição como uma condenação generalizada às músicas e dança populares de origem africana ou indígena, realizadas no ambiente doméstico (talvez público, como em salões de aluguel ou locais afastados), consideradas "incivilizadas" ou "feitiçaria". O Art. 50 traz uma restrição mais generalizada sobre *"ajuntamentos tumultuarios com algazarra e vozerias pelas ruas e praças da cidade ou em casas publicas e particulares, sob pena de dispersão e multa de 10$000 ao dono da casa e 5$000 a cada uma das pessoas que fizerem parte do ajuntamento."* Esse artigo impõe uma condenação a qualquer forma de comportamento ou manifestação que envolva a sonoridade e seja considerado degradante. O Art. 51 determina a proibição da permanência de ciganos por mais de 24 horas, e a menos de uma légua da povoação. Os proprietários dos terrenos onde estes ergueriam acampamentos deveriam comunicar o fiscal do município. Tal discriminação levou certos grupos à invisibilidade social nos noticiários, onde ou eram omitidos, ou tratados de forma depreciativa. Seu comportamento e suas atitudes, quando não anulados, muitas vezes se tornavam caso de polícia. O Código de Posturas de 1902 é menos explícito neste sentido, mas a discriminação certamente

[52] SOUZA, 2007, op. cit.

permanecera na mentalidade da população. No Título II, *Do comércio e das industrias e profissões*, Capítulo I, *Das licenças*, Art. 118, temos:

> A licença será cassada:
> (...)
> II) À requisição da autoridade policial, quando o licenciado usar da licença para fins ilicitos, ou consentir que no seu estabelecimento sejam praticados actos offensivos á moral e aos bons costumes, de que seja perturbado o socego publico.

O espaço urbano era, portanto, um lugar onde conviviam diferentes grupos sociais e objeto de disputas simbólicas entre os mesmos. As ações modernizantes tinham como conseqüência a marginalização dos pobres e o enaltecimento dos valores e da estética da elite branca europeizada, criando o palco ideal por onde pudesse circular. Essa tentativa de uniformização empobrecedora marginalizou, mas não impediu que negros e imigrantes criassem seus espaços de convivência e de identidade cultural, que procurassem formas de adaptação e resistência a esta realidade.

Prisco da Cruz Prates nos dá uma clara demonstração de como funcionava a segregação espacial, e como os grupos se dividiam:

> **Existirá racismo em Ribeirão Preto?**
> A idéia de ser criado em nossa cidade um Parque de atrações para os elementos da raça negra, motivou posteriormente uma entrevista sôbre o caso, onde houve diálogos sôbre o assunto referente ao racismo ou a uma possível discriminação racial em nossa cidade.
> Na realidade s existe em Ribeirão Preto o racismo, ele é tão diminuto, que passará despercebido em nossos meios e tão superfcial que ps tipos afro-brasileiros aqui existentes, não sentem os mínimos efeitos, como sentem os mesmos em certos Estados dos Estados Unidos, na África do Sul e outros países onde a raça negra sofre os seus malévolos efeitos. Em nossa cidade poderemos dizer inexistir êste preconceito sendo um assunto que raramente serve de tema para conversações.
> As pessôas de côr conhecem os seus lugares e sabem perfeitamente viverem sem correrem os riscos de passarem pr vexames de natureza racista. Como resido nesta cidade há meio século é interessante contar para os leitores, uma seleção de classes aqui existente naqueles idos. Era uma verdadeira seleção entre ricos, as classes médias e negros. A cidade era pequena apesar de ser uma das mais afamadas do interior. As distrações na época eram muito poucas, não havia rádios e as televisões ainda em estados embrionários, mas em nossa cidade existia a melhor banda musical do interior que era regida pelo grande maestro-compositor sr. José Delfino Machado. Então aos domingos, dias santos e feriados, na Praça 15 de Novembro, em um corêto haviam as retretas musicais, onde um variadíssimo programa constituia o orgulho dos ribeirão-pretanos. O jardim ficava repleto de elementos de todas as categorias e era no momento da audição musical que se notava a seleção verdadeiramente natural: Os considerados ricos rodavam no momento ao redór do pavilhão da Antárctica que era no local onde está a fonte

> luminosa e também na calçada, pelo lado da rua General Osório, enquanto os da classe média faziam os seus "footings" girando em torno do corêto, e o elemento negro se contentava em seus passeios na Praça 15, pelo lado da rua Duque de Caxias, entre a Álvares Cabral, até a rua Visconde de Inhaúma. A retrêta da banda era extensa e no transcurso da mesma, notavam-se essa natural seleção das classes ribeirãopretanas, que perdurou por muitos anos e que os veteranos devem se recordares [sic] ainda dêste caso pitoresco do Ribeirão Preto de outróra.
>
> Ainda sobre discriminação racial é também interessante contar um fato que poderemos considerá-lo esporádico havido em nossa cidade há talvez uns 40 anos, num salão de barbeiro de propriedade do espanhol João Perujo, que deixou de atender um tenente do Exército em seu salão. O militar testemunhou a ocorrência e processou o dono do salão e todos os ribeirãopretanos ficaram revoltados inclusive a imprensa local que censurou a estúpida ação do barbeiro e inclusive os estudantes que também ficaram revoltados com a ocorrência, havendo até ameaças de empastelamento da casa, por parte dos mesmos.[53]

Esta crônica evidencia a sergregação existente numa época em que "não havia rádios", e as televisões nem sequer existiam, pois a primeira edição do livro é de 1956, ou seja, o autor se refere a um período anterior à década de 1930. Demonstra que havia inclusive a intenção de se criar um espaço exclusivo para os negros, e que estes não passavam por "vexames racistas" desde que cohecessem o seu lugar. Classes sociais diferentes podiam freqüentar os mesmos locais, desde que, dentro dos mesmos, cada uma ocupasse o seu espaço. PRATES também nos revela que, "há 40 anos" acontecera um episódio de discriminação entre um barbeiro espanhol e um militar negro. O barbeiro, apesar de pertencer a uma classe social média-baixa, consederava-se superior ao tenente do exército, por ser branco. Percebe-se também que o racismo, entre os prórpios brancos, só era admitido se fosse velado, sem haver conflito. Casos explícitos de racismo como esse eram repudiados.

PRATES também revela, em outra de suas crônicas, que

> (...) sempre houve fartura de mendigos em Ribeirão Preto e suponho que nos decênios passados, apesar da cidade não contar sequer 20.000 habitantes, o número de pedintes era proporcionalmente superior ao de agora. (...) Diariamente viamos pelas ruas da cidade pedintes de todas as idades e nacionalidades. Não era apenas nas ruas centrais que os mendigos exploravam a caridade pública; também pelos arrabaldes viam-se êsses elementos desfilarem solicitando óbulos para as suas manutenções. [54]

Apesar da conhecida opulência da "Capital do café", a miséria se fazia presente. Apesar de o autor afirmar haver mendigos "de todas as nacionalidades", desde o século XIX, a presença dos imigrantes e seus descendentes, em todos os setores da economia local, desde a agricultura, passando pelo comércio, indústria e prestação de serviços, já era muito grande, o

---

[53] PRATES, 1971, pág. 275-277.
[54] Op. cit, pág. 18.

que, inclusive, contribuía para dificultar o acesso da população negra aos empregos disponíveis, restando-lhes as ocupações mais modestas: empregos domésticos, construção civil e outros trabalhos informais.[55]

No início do século XX, criaram-se associações com o objetivo de para atuar nas áreas de lazer, assistência social e religiosa, a fim de criar espaços e meios de convivência para os diversos grupos, de diversas origens. Essas associações serviam como forma de distinção e de união entre iguais em meio à diversidade.

A Sociedade Legião Brasileira e a Sociedade Recreativa de Desportos eram as mais elitistas. A primeira procurou promover a "alta cultura" organizando saraus, palestras, exposições de arte e concertos. As moças bem-educadas deveriam ter conhecimento musical em piano, canto ou bandolim, e os saraus eram uma oportunidade para elas mostrarem a sua boa formação. Fundada em 1903, era liderada pelo padre Euclides Carneiro, que também era responsável por diversos empreendimentos filantrópicos. Contava com uma das maiores bibliotecas da cidade, com muitos livros em francês, italiano e outras línguas estrangeiras. A segunda, fundada em 1906, dedicava-se às atividades desportivas e à organização de festas e bailes.

Os imigrantes organizavam-se em sociedades de auxílio mútuo, como a *Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos* (1904), a *Societá Operaria Unione Italiana* (1895), *Circolo Italiano* (1919), *Sociedade Dante Alighieri*. Além destas havia também a *Associação de Empregados do Comércio* (em 1910 tornou-se *Sociedade Protectora dos Empregados do Comércio*). Entre os afro-descendentes ("homens de cor") havia a *Sociedade José do Patrocinio*, sobre a qual há poucas informações, apenas de que ela já atuava no período estudado e promovia atividades de lazer, reuniões e protestos a fim de combater a discriminação racista[56]. Estas associações promoviam festas e outros eventos para arrecadar fundos e em comemoração a datas e fatos importantes para as suas comunidades. As sociedades de socorros mútuos tinham como principal objetivo assegurar aos seus sócios serviços médicos, uma pensão na velhice e seguro no caso de acidente de trabalho ou desemprego.

Como no restante do país, os costumes europeizados representavam a modernidade e a sofisticação. Percebe-se, nas matérias jornalísticas, o emprego de inúmeras expressões inglesas e, principalmente, francesas. Essa preferência pelas modas e pela cultura estrangeira representa mais uma faceta da tentativa, por parte das elites locais, de legitimar a sua posição

---

[55] SOUZA , 2007, op. cit, pág. 107-108.
[56] TUON, 1997, op. cit, pág. 75-76

através da sonoridade, uma espécie de "Petit Paris musical". Em música, os concertos, saraus e companhias líricas eram os espetáculos que gozavam de maior prestígio. A vinda de companhias internacionais era noticiada com muita ênfase. Os espetáculos mais populares e mais numerosos consistiam nas apresentações de operetas, cançonetistas e cantores populares. A forma mais popular de atividade musical consisita na apresentação das bandas no coreto, aos domingos, principalmente. As bandas da cidade também se apresentavam numa série de ocasiões diversas, como em comemorações cívicas, bailes, carnavais de rua, etc. Havia também os cojuntos que tocavam nos teatros, que eram menos numerosos que as bandas e onde o número de músicos era menor.

Havia outras formas de atividades que mal apareciam nos noticiários. A comunidade negra local procurava criar e recriar os seus espaços. Alguns, por "birra", insistiam em freqüentar os locais onde não eram aceitos, correndo o risco de passar por "vexames racistas" (SOUZA, 2007).

> Por volta das décadas de 20 e 30, na cidade, era freqüente, entre muitas famílias negras, dançar Caninha Verde e fazer festa para São Gonçalo e São João, como faziam aquelas que moravam nos Campos Elíseos, na altura da rua Goiás, de frente à rua Silveira Martins (...)[57]

Tais festejos populares, freqüentes nas décadas de 20 e 30, chegaram até a cidade em anos anteriores. Como não há descrições mais detalhadas, é impossível saber como eram realizadas, pois há muitas variações regionais.

A caninha verde é uma dança de origem portuguesa, em roda ou em alas, sob o acompanhamento de instrumentos como sanfona, viola caipira, pandeiro, e cantos de versos tradicionais ou improvisados.

As festas juninas, dedicadas a Santo Antônio (13/6), São João (24/6) e São Pedro (29/6) estão entre as mais populares do Brasil. Os devotos ou pessoas que têm o nome desses santos festejam essas datas a partir da véspera. Nessas festas são constantes as fogueiras, fogos de artifício, quadrilha e mastro com estampas dos santos e comidas à base de milho, pinhão, quentão. São João é o santo, entre os três, que mais se identifica com o aspecto profano das festas, e está relacionado com o fogo, a água, a natureza e a fertilidade. Durante a festa em sua homenagem, a imagem do santo é lavada, e essa água é considerada benta.

---

[57] SOUZA , 2007, op. cit, pág. 132.

São Gonçalo é um dos santos mais populares do Brasil, e a sua festa tem grande ocorrência no Estado de São Paulo. É considerado milagreiro, padroeiro dos violeiros e casamenteiro das velhas.

CAPITULO II

1. As atividades musicais

1.1 O carnaval

A data das primeiras comemorações de carnaval é desconhecida. Bandas percorriam as ruas tocando, acompanhando os desfiles e corsos, ao redor do *Jardim Publico*, onde também aconteciam as batalhas de confete e o entrudo, brincadeira criminalizada pelos Códigos de Posturas de 1889 e 1902, considerada ofensiva e de mau gosto. A polícia publicava anualmente nos jornais e afixava em cartazes pela cidade uma série de regras que deveriam ser seguidas por aqueles que desejavam se divertir nas ruas:

> DELEGACIA POLICIAL
> CARNAVAL
> O Capitão Alberto Seixas, Delegado de Policia, em exercicio, do Districto de Ribeirão Preto, na forma da Lei e etc.
> Faço publico que, sem previa licença n'enhum prestito, phantasiado ou não, poderá sahir a rua; devendo outrossim a commissão encarregada apresentar quanto antes, para o respectivo exame, o plano dos carros allegoricos ou criticos e o itinerario pelas ruas da cidade. Nenhuma pessoa poder-se-à phantasiar sem previa licença; e si o deceparem, deverão comparecer a Repartição policial, afim de munirem-se da competente licença. Os infractores soffrerão a multa de 50$000 rs. E a pena de serem detidos por 24 horas, de conformidade com o art.346 do codigo de Posturas municipaes.
> R. Preto, 4 de – 3 – de 1905.
> Eu, Raul Portugal, escrivão, subscrevi. Alberto Seixas.
>
> DELEGACIA POLICIAL
> ENTRUDO
> (...)
> Faço publico que de conformidade com o art. 245 do Codigo de Posturas Municipaes è absolutamente prohibido o jogo de entrudo com laranjinhas de cera ou borracha, com água, polvilho, farinha de trigo, ou qualquer outra substância que possa danificar ou incommodar os transeuntes, taes como carrapichos, espanadores, pós e graxas. Taes objectos encontrados a venda ou expostos em lugares publicos, serão apprehendidos e inutilizados, e osinfractores, de accordo com a citada postura, soffrerão a multa de 50$000 rs. Assim como sel-o-ão em 20$000 os vendedores destes objectos.
> (...)
>
> (**A Cidade**, 2/mar/1905, pág. 2)

Essas determinações eram publicadas todos os anos, sem serem obedecidas à risca. Isto fica evidente nos comentários do cronista Silenio, da coluna *Pela Cidade (com ares de chronica)*, que inclusive se divertia com o fato:

> (...)
> A policia botou edital. Mas quem é que pode com o raio (olhem que é raio de luz!) destas moças, destas endiabradas meninas?
> O melhor é a gente metter-se na folia armado de um bisnagão deste tamanho e atacar... Porto-Arthur. (Porto Arthur é o tanque do Jardim em poder das pequenas.)
> (...)
>
> (**A Cidade**, 5/mar/1905, pág. 1)

Apesar da demonstração de satisfação do cronista, o jogo do entrudo era amplamente condenado nos artigos do jornal **A Cidade** e por uma parcela da população, como demonstração de atraso e incivilidade:

> O jordim [sic] publico foi no Domingo ultimo o teatro destas scenas pouco edificantes.
> Muitas familias viram-se obrigadas a sahir daquelle centro de diversões porque, mesmo a contra gosto, eram molhadas por individuos desconhecidos que, armados de grandes bisnagas, aggrediam-nas insolenemente, de nada servindo os protestos levantados.
> Por diversas vezes vimos que se iam dar scenas de pugilato felizmente contidas por espiritos ordeiros que intervinham na occasião.
> O facto ficou para exemplo de futuras repetições. E estamos no nosso direito, agora, de pedir as dignas autoridades que evitem a reproducção destes factos que, certamente, sem a criteriosa repressão da Policia, tomarão vulto nos 3 dias do carnaval.
> As scenas poco edificantes a que assistimos Domingo ultimo no Jardim, depõem muito contra o nosso progresso: demonstram que estamos caminhando para trás.
>
> (**A Cidade**, 28/fev/1905, pág. 1)

Por esse motivo, provavelmente, o carnaval de rua foi proibido em 1909, causando frustração aos foliões.

> Ninguém o aborda; o publico estaciona ás esquinas, olhando sem saber bem o que, esperando pelos carros alegoricos que não virão, pelas batalhas em que apenas se fala, pelo carnaval, em summa de que temos arremedo e nada mais. E assim caminha e se escoa o carnaval de 1909 na nova, leal, progressista e bella cidade de Ribeirão Preto, que parece também ressentir-se um pouquinho do grande mal economico que por ahi tudo vae abatendo, destruindo, na faina devastadora de empobrecimento e semeiando desalento...
>
> (**A Cidade**, 23/fev/1909, pág. 1)

Em 1910 o carnaval de rua estava de volta:

> **Carnaval**
> Club dos Lords

> Conforma promettemos hontem, damos abaivo o programma dos festejos carnavalescos a realizarem-se nos dias 5,6,7 e 8 de Fevereiro pelo Club dos Lords, ante-hontem fundado nesta cidade.
>
> Nestes tres dias as ruas Genedal Ozorio e Duque de Caxias, na parte que circula o Jardim Publico, serão feericamente illuminadas e enfeitadas, comprehendendo tambem a parte central do Jardim onde tocarão diversas bandas de musica em corectos que alli serão construidos.
>
> No dia 5 ás 6 horas da tarde terá logar uma grande "marche an flambeaux"constando o prestito d cavalheiros garbosamente vestidos a cavallo, a carro, e a bycicleta.
>
> Romperá o prestito um esquadrão de clarins, e um carro de honra com o estandarte do club, que cumprimentará as autoridades e imprensa.
>
> No dia 6 as 5 horas da tarde grande batalha de confetis e serpentinas no Jardim Publico e ruas latteraes.
>
> Nessa occazião serão distribuidos dois ricos premios sendo um ano carro e outro ao yclista que se apresentarem mais ricamente enfeitados; á moite no theatro Carlos Gomes grande baile a phantasia.
>
> No dia 7: grande passeata a cavallo, da commissão e socios do club, e a noite grande baile no Carlos Gomes.
>
> No dia 8: ás 5 horas da tarde – sahida do importantissimo prestito do club dos Lords que constará de carros allegóricos, criticas, reclames, guarda de honra, etc, as 8 horas da noite no Jardim Publico – grande surpreza seguindo-se no theatro um estrondozo baile a phantasia, sendo offerecido pelo sr. Cassoulet uma rica medalha de ouro ao mascara que mais ricamente vestido se apresentar.
>
> - Pede-nos a directoria dos Lords avizarmos as pessoas que quizerem tomar parte nos festejos apresentarem-se com antecedencia a mesma directoria.
>
> (...)
>
> (**A Cidade**, Ribeirão Preto, 15/jan/1910, pág. 1)

Ainda no mês de janeiro o mesmo Club dos Lords (organizado e mantido principalemtne por comerciantes da cidade) já saia pelas ruas em seu Zé Pereira (**A Cidade**, Ribeirão Preto, 15/jan/1910, pág. 2). Além deste, o Club do 7º Ceu também desfilou seu Zé Pereira em janeiro. Deste carnaval participou também o Club dos Criticos Luso-Brasileiros, fundado no final de janeiro desse ano, formado também por comerciantes. Do cortejo carnavalesco desse ano fizeram parte 12 carros do Club dos Lords, mais 15 do Club dos Criticos.

Em 1911, o Zé Pereira do Club das Sapas abre os festejos carnavalescos em 22 de janeiro. Nesse ano não houve a publicação de uma programação do carnaval, mas é posível saber que houve carnaval de rua, com batalha de confetes no Jardim Publico. Nenhum clube se destacou na organização do carnaval, como o Club dos Lords, no anterior.

Em 1913 o Club dos Democraticos Carnavalescos organiza e abre os festejos carnavalescos com bailes no teatro Polytheama em 25 e 26 de janeiro. As notícias daquele ano relatam os festejos dos dias de carnaval como nos anos anteriores, com préstitos, cortejos e bailes, centralizados no Jardim Publico:

> **Carnaval**
>
> Embora não tenha sido cousa que se possa dizer extraordinárias, o Carnaval este anno tem corrido animadissimo e muito superior ao dos annos anteriores.
>
> A Concurrencia de povo á noite no jardim hontem e sobretudo ante-hontem foi enorme.
>
> Animadissimos os brinquedos de lança-perfumes, cuja quantidade vendida deve ter sido superior a toda a expetativa.
>
> Em grande parte tem concorrido para isso a sociedade carnavalesca aqui fundada ha pouco tempo, á qual está reservado um brilhante futuro. O Club dos Democraticos Carnavalescos deu a nota este anno e merece francamente os nossos elogios.
>
> Foi um bello prestito e por elle organizado domingo, uqe percorreu as principaes ruas da cidade, pela tarde.
>
> Precedendo um carro artisticamente imaginado e executado seguia no prestito uma guarda de honra composta de alguns cavalleiros todos montados em animaes, de alguns cyclistas, uns o outros trajando o uniforme do club, branco e preto.
>
> Seguiram dois ou tres carros, num dos quaes, uma nympha trazia o pavilhão do club.
>
> Uma fila de carros e automoveis cheios de alegres foliões phantasiados ou não, acompanhava o prestito, em que ao classico Zé-pereira se unia, para ser maior a algazarra, as troças de toda ordem.
>
> Á noite nas principaes casas de divertimentos publicos realisaram-se bailes a phantasia, sendo todas muito concorridas.
>
> (...)
>
> (**Diario da Manhã**, Ribeirão Preto, 4/fev/1913, pág. 1)

Nesse ano temos também uma indicação dos gêneros de músicas presentes no Carnaval:

> (...)
>
> Triste contraste! Após a alegria a folia, as ligeiras polkas e deliciosas valsas, eis o memento homo, a soar monotono e triste aos suvidos (sic) da humanidade. Quantas lindas tranças a tresandarem suaves perfumes, horas antes, encobriam tradicional cinza dos tempos de tristeza e amarguras.
>
> (**Diario da Manhã**, Ribeirão Preto, 6/fev/1913, pág. 1)

Em 1914 os festejos de Carnaval começam em 13 de janeiro, com a saída do Zé-Pereira em frente ao Eldorado, na rua São Sebastião. Dessa vez nenhum clube se destacou – e nem mesmo é citado – na organização dos mesmos.

> (...) nos ultimos tres dias, principalmente de tarde, as ruas e praças publicas regorgitavam de povo, que folgava e ria com aquella satisfação de quem não precisa pensar no dia de amanhã, no mesmo tempo que uma boa centena de automoveis e outros vehiculos circulavam por todas as ruas enfeitados a capricho e condusindo muitas das mais distinctas familias desta cidade.
>
> O movimento de ante-hontem, como era de prever, excedeu o dos dias anteriores. Ao prestito carnavalesco com oito guapos amazonas à frente, reuniu- se grande numero de automovaies, que lhe deram grande realce, porque em todos elles, porassim dizer, predominava a graça e a belleza feminina. Alguns desses

> automoveis estavam enfeitados com luxo e outros eram verdadeiramente de luxo. Entre estes devemos destacar um da exma. Sra. D. Iria Alves Fereira, a rainha do café, ou de seu filho o sr. Zeca Junqueira, que julgamos ser o mais luxuoso nesta cidade. Dos caros propriamente carnavalescos destacava se um offerecido pela casa Barretto e outro offerecida pela Cervejaria Paulista e encimado pela figura irrequieta do Braguinha, que annunciava ás massas em discurss retumbantes a proxima inundação de cerveja daquella nova fabrica.
>
> (...)
>
> (**Diario da Manhã**, 27/fev/1914, pág. 1)

No ano de 1915 houve os mesmos festejos dos anos anteriores, com préstitos, cortejos e bailes. Embora as notícias afirmem o contrário, pelas informações trazidas pelas mesmas podemos constatar que ano a ano os Carnavais têm sido mais modestos. Neste, é citado o Club Vae ou Racha, do bairro Santa Cruz de José Jacques, porém mais uma vez nenhum se destacou na organização dos festejos. Em 1916 houve bailes organizados pelo clube dos Casacas Vermelhas no teatro Carlos Gomes, cortejo e batalha de confetes no Jardim. Em 1917 as notícias sobre o carnaval são ainda mais escassas, dando a entender que a data se passou sem grande destaque e com poucos festejos. Houve bailes no Polytheama, no Cassino Antarctica e cortejo pelas ruas.

As notícias colocam os comerciantes do centro como maiores entusiastas e os que mais se empenhavam na organização do carnaval de rua, tendo em vista os lucros proporcionados pela festa e os turistas de cidades próximas atraídos para a cidade – muitas lojas anunciavam nos jornais produtos como fantasias, confetes, serpentinas e lança-perfume.

> **CARNAVAL DE 1905**
>
> Diversos representantes do commercio local, entre os quais estão os srs. José Manoel Mendes, José Kathar, Pedro Folena, João Beschizza e outros, promovem todos os meios para que possamos ter em Ribeirão Preto um carnaval digno desta cidade.
>
> Entre outras ideias desses cavalheiros está a de concederem premios aos que apresentarem mais vistosos carros por occasião dos folguedos carnavalescos.
>
> Apllaudindo a ideia desses cavalheiros, fazemos votos que ella se traduza em realidade.
>
> (**A Cidade**, 18/fev/1905, pág. 1)

Organizavam-se grupos para preparar o carnaval, com sócios que davam uma contribuição em dinheiro e promoviam a assinatura de um “Livro de ouro” por simpatizantes que estivessem dispostos a contribuir. Esses clubes tinham duração efêmera, de apenas um carnaval ou pouco mais do que isso. Todos os anos havia bailes em salões e teatros alugados por clubes, ou por iniciativa dos empresários dos próprios teatros.

1.2 A praça e suas atividades

Antes de existir como praça, o Largo da Matriz era apenas um grande terreno descampado e de terra batida. A inauguração da praça aconteceu em 14 de julho de 1901, com apresentação da Banda *Filhos de Euterpe*, tocando o Hino Nacional e a Marselhesa[58]. Porém, o seu embelezamento e ajardinamento aconteceu de forma gradual, como foi exposto no Capítulo I. Antes das ruas centrais receberem calçamento, em 1901, era muito difícil andar e permanecer nelas, pois nos dias secos a terra vermelha formava nuvens de pó fino, e quando estava chovendo, fazia muita lama, o que tornava difícil a utilização do espaço externo para o lazer.

A atual praça *XV de Novembro*, antigo *Jardim Publico* ou *Largo da Matriz*, era um centro de eventos políticos e culturais, comercial e religioso. Estas eram ocasiões em que a convivência entre diferentes grupos sociais era mais próxima, pois o espaço do centro da cidade, embora elitizado em termos de moradias e edificações, tinha as suas ruas e o seu comércio abertos à circulação do público mais pobre, embora de forma restrita e segmentada. Durante as retretas e demais eventos no *Jardim Publico* havia uma divisão do território pelos seus freqüentadores.[59] Tais segmentos não deveriam se encontrar para não haver conflito. Em 2 de maio de 1905 o jornal **A Cidade** publica uma crítica aos "maus freqüentadores"do jardim. A solução sugerida é o impedimento legal da entrada dessa "cáfila" no território das "boas famílias":

> **O jardim e as familias**
>
> O espectaculo a que assistimos revoltados no Domingo á noite, quando tocava no Jardim Publico a banda Filhos de Euterpe, não pode e não deve repetir-se.
>
> Ribeirão Preto, que outro logradouro não possue para onde as familias se dirijam em procura de alguns momentos de alegre convivência, não pode estar dominado por este elemento pernicioso que attenta publica e andaciosamente (sic) contra os mais momesinhos deveres sociaes, e que vae além, muito além, chegando a desrrespeitar (sic) as familias, fazendo-as retrahirem-se, fugirem daquelle logar aprazivel e único que possuimos.
>
> Ash horizontaes, uma cafila de negras desocupadas e atrevidas e uma molecada insolente que está pedindo colonia correccional, julgaram muito bem e bonito andar aos encontrões, com as sinhoritas e senhoras que passeavam pelas ruas do jardim, impondo-lhes, desse modo, a retirada, indefesas e naturalmente timoratas que são ellas.
>
> A liberdade, já tivemos occasião de dizer referindo-nos a abuzos naquelle logar, não pode ser esta criminosa desatenção que individuos querem

[58] TUON, 1997, pág. 89.

[59] Ver Capítulo I, p.

> praticar com similhante desenvoltura. O jardim é de todos, mas de todos os educados.
>
> A' Prefeitura e á autoridades policiaes endereçamos estas linhas como uma reclamação que nos fizeram muitas familias que se retiraram Domingo do jardim, possuidas de justa indignação contra aquelles factos deprimentes do nosso meio civilisado.
>
> Esperamos o correctivo energico da parte das autoridades, mesmo que se torne preciza uma postura municipal prohibindo alli a entrada dessa gente mal-educada.
>
> (**A Cidade**, 2/maio/1905, pág. 1)

O evento musical mais comum eram as retretas aos domingos, eventualmente realizada também em outros dias da semana. O coreto tinha a função de uma ribalta urbana, pensado e arquitetado para a ocupação das bandas, tornando-se signo do processo de institucionalização das bandas nas praças. Além de cultivar uma prática cultural e lúdica de apreciar a música, a associação praça/bandas estimulou o hábito de passear ao ar livre, sentar-se nos bancos, etc[60].

A escolha das bandas para tocar no coreto era feita pela prefeitura através de apresentação das propostas de custos para o maestro e os músicos, de acordo com uma notícia de 1913:

> **MUSICA NO JARDIM**
>
> Encerrou-se já o prazo para a apresentação de propostas para o serviço de retretas no jardim e bosque municipal.
>
> Apresentaram propostas a banda da Sociedade "Filhos de Euterpe", que exige 600$000 mensaes pelo serviço, e o sr. Baccaro, que exige 1.000$000, sendo 400$000 para elle regente e 600$000 para os vinte musicos que se propõe reunir. Sabemos que a Prefeitura vae enviar essas propostas á Camara para que ella delibere a respeito.
>
> (**A Cidade**, Ribeirão Preto, 8/maio/1913, pág. 1.)

A primeira notícia encontrada sobre a música no jardim é de 6/12/1903, do jornal *Corriere Italiano*:

> **MUSICA AL GIARDINO**
>
> Sotto la valente direzione del conosciuto maestro Giuseppe Izzo, la musica Carlos Gomes, eseguirá oggi nei pubblico giordino il seguente sceltissimo:
>
> Programma:
>
> 1- Marcia – Schubert
> 2- Nazurka – Eloisa
> 3- Sinfonia – I Lituani
> 4- Valzer – Nid d'Amour

[60] PÁTEO, Maria Luisa de Freitas Duarte do. **Bandas de música e cotidiano urbano**. Dissertação (mestrado). Campinas: Unicamp, 1997. Pág.157-158

5- P. Pouri – Bohema
6- Gavotta – Gina
7- Melodia – Chacon
8- Galoppe – Até amanhã

No período estudado, as bandas que se apresentaram com mais freqüência foram a *Giaccomo Puccini* (anos 1908 e 1909) e *Filhos de Euterpe* (demais anos). Tocavam no coreto da praça para o entretenimento público, geralmente a partir das 18h. O repertório executado buscava o refinamento, reproduzindo adaptações de clássicos e de ritmos importados apreciados na época, como valsas, mazurkas, etc. Mesmo os músicos locais que tinham as suas obras executadas ali se pautavam por esses padrões e usavam esse meio para difundir a sua música e, por vezes, fazer homenagens:

> A bella "Marcha" muzical que o inteligente musicista sr. Cunegundes Rangel dedicou ao nosso representante cap. Antonio E. de Moraes intitulada "A Cidade" será tocada hoje no jardim pela banda Giacomo Puccini.
>
> (**A Cidade**, 25/out/1908, pág. 1)

Além do carnaval e das regulares retretas, o *Jardim Publico* também servia de palco para outros eventos, como as comemorações cívicas, onde a música das bandas também estava presente:

> **Concerto a I de Maio**
>
> Como já tivemos a occasião de noticiar, operarios das officinas da Companhia Mogyana organisaram uma banda musical com a denominação de "União Progressista da Companhia Mogyana."
>
> Temos agora a noticia que a banda [está] preparada para exhibir-se perante o publico desta cidade, mostrando assim quanto valem os esforços e as aptidões bem aproveitados.
>
> No dia I de Maio, que é o dia da festa dos operarios, a "União Progressista", dará um concerto no coreto do jardim publico, das 6 e ½ horas ás 10 da noite, já tendo tido para isso autorisação do sr. dr. prefeito.
>
> (...)
>
> (**A Cidade**, 27/abr/1909, pág. 1)

> **14 de Julho**
>
> (...)
>
> No jardim publico, tocará a banda "Progressista da Mogyana" o escolhido programma que abaixo publicamos.
>
> (...)
>
> (**A Cidade**, 14/jul/1909, pág. 1)

Uma crônica do dia 14 de maio de 1905 revela como os negros comemoravam a abolição da escravidão, como era vista pelo colunista do jornal e por um interlocutor afinado com as modernas idéias sobre a música:

> **Conversas alheias**
>
> Ante-hontem, pelas oito e meia da noute, estava eu a ler, todo repimpado n'uma cadeira de balanço de palhinha estragada, quando me chegaram aos ouvidos os sons roucos e confusos de um samba.
>
> Enverguei um sobretudo, meu companheiro de quinze annos, bati o chapeo molle no alto da testa, passei a mão n'uma salutar peroba e sahi a espiar aquillo.
>
> De longe, avistei em frente ao Theatro, um grupo de pretos que descompassadamente pulavam, como pulam as almas condemnadas, nas chammas do Inferno, segundo oleographias de propaganda catholica.
>
> Ao chegar á esquina da rua Visconde de Inhauma encontrei-me com um amigo que pelos modos estava gostando d'aquella algazarra:
>
> - Como dançam bem, não?
>
> - Ora sahe d'ahi!...
>
> - Não senhor, estão dançando no compasso, repare no rytmo:
>
> Purum pum! Purum Pum!
>
> Aquella é a verdadeira musica nacional; cada cantiga d'aquellas é um thema para esplendidas e soberbas composições musicaes.
>
> Listz, Collaço, Alexandre Levy e Itiberé da Cunha têm bordado as suas com essas canções populares: Listz na Hungria, Collaço com Portugal, Levy e Itiberê no Brasil.
>
> - Bem, bem, concordo comtigo. E's um maniaco, e para esta especie de malucos não há musica que não seja bella, sublime e adoravel. Vamos ver e ouvir de perto.
>
> Aproximamo-nos do grupo. No centro uma crioula rachitica, trazendo no collo um pretinho que tiritava de frio, saltava, repetindo o final de um estribilho:
>
> Para aturá os capricho de nhônhô!
>
> Aiuê! Aiuê!
>
> Repizou isso por muito tempo, emquanto os parceiros batucavam umas latas de kerosene.
>
> Fez-se um pequeno intervallo em quanto a garrafa de pinga era passada de bocca em bocca. Depois recomeçou o samba, indo para o centro um latagão retinto:
>
> Agora nós já tá forro,
> Trabaiamo si quizé,
> Negro não panha de côro
> Negro num panha café.
> Em roda repetiam:
> Negro não panha de côro
> Negro não panha café.
> Aiué! aiué!
>
> - Assim minha gente, bradava, sapateando, o mestre-sala.
>
> Mano Jeromo, passa adiante.
> E o Jeronymo:
> Fiz uma cuié de junco,
> Páo que eu mémo cortou
> Mas essa cuié de junco
> A cuia de leite estragou.

Sinhô-moço me ralhou,
Mas porém não tem razão:
- Que culpa que tenho Sinhô
- Si o junco o leite talhou?
E o leite talhou!

(**A Cidade**, 14/maio/1905, pág. 1)

1.3 As bandas

A primeira banda de música (*Banda S. Sebastião*) teria surgido em 1887, organizada pelo negro alfaiate Pedro Xavier de Paula, que contratou regente provavelmente por não ter muito conhecimento musical. A *Banda Bersaglieri* teria surgido em 1894, organizada por José Munhai e composta por membros da colônia italiana. Até 1910 quatro bandas haviam se consolidado na cidade: *Filhos de Euterpe*, *Bersaglieri*, *Banda Progressista* (*União Progressista da Companhia Mogyana*), *Giacomo Puccini* e *Ítalo-Brasileira*. Em 1920 teria se formado a *Banda Independente*, dirigida pelo maestro Luís Delfino Machado[61]. Estas bandas serviam para acompanhar todo tipo de festividades, desde as comemorações cívicas mais formais até os bailes de carnaval[62]. Sem dúvida, constituíam a forma mais comum de acesso à audição músical, procuravam compor repertórios com os estilos musicais considerados "cultos" e de "bom gosto": trechos de óperas e sinfonias, hinos cívicos, música dançante européia (valsas, mazurkas, , scottishes), marchas, dobrados, tangos, habaneras.

A banda *Giacomo Puccini* aparece no jornal **A Cidade** a partir de 1908, ano em que esteve presente em todas as apresentações do *Jardim Publico*, substituindo a banda *Filhos de Euterpe*, presente durante todo o ano de 1905[63] e nos anos seguintes a 1908.

José Delfino Machado trabalhou como regente da banda *Filhos de Euterpe* e compôs várias músicas, freqüentemente executadas pela banda.

FESTA DOS CAIXEIROS

Reuniram-se mais uma vez domingo passado na Confeitaria Fraga, os empregados do commercio desta cidade, onde resolveram definitivamente sobre os festejos do dia de hoje.

(...)

- O maestro José Delfino compôs uma linda marcha offerecida á classe caixeiral e que será executada hoje.

(**O Luctador**, 1/jan/1904, pág. 1)

---

[61] CIONE, 1987, pág. 127

[62] TUON, 1997.

[63] Depois de 1905, o ano em que as fontes estavam disponíveis era 1908, a partir de abril.

Nos programas das músicas a serem executadas nas retretas do jardim aparecem freqüentemente músicas de sua autoria:

> Os doze contos do vigário – tango – J.D.M.
> (...)
> O tango "Os doze contos do vigário" é offerecido a mocidade ribero-pretana.
>
> (**A Cidade**, 26/mar/1905, pág. 1)

> 8°. Ribeirão Preto – Marcha – J. D. M.
> Nota: - Marcha – RIBEIRÃO PRETO dedicada a mocidade Ribero-Pretana; (...)
>
> (**A Cidade**, 18/jun/1905, pág. 2)

Suas músicas eram comercializadas impressas em partituras. Não há notícias se José Delfino chegou a gravar músicas em disco[64].

> Da conhecida casa A Notre-Dame de Pariz, recebemos uma bellissima Scottisck, lembrança daquella casa; é composição do maestro José Delfino Machado.
> (...)
>
> (**A Cidade**, 20/dez/1908, pág. 1)

Giovanni Gemme[65] e Cunegundes Rangel, regentes da banda *Giacomo Puccini*, também eram compositores[66].

---

[64] Outras composições de José Delfino Machado: *Mellancolica (valsa), Recreação (fantasia), Sempre Gelloza (valsa lenta), Denzina (mazurca), Vagaroza (polca), Denzina (mazurka), Capital d'Oeste (passo doppio symphonico), Capadocio (rapisodia), Minas Geraes (marcha), Chateau dos Promptos (habanera), O teu regimento (marcha), O cordão (tango), Odeon (marcha – hino do cinema Odeon, em Ribeirão Preto), Triumphal (passo doppio), Marcha final, O Bandoleiro (tango), Zézinha (mazurka), Morrer de amores (phatasia), Um samba no Bom Retiro, Na floresta (mazurka), Capital d'Oeste (marcha), Invencivel (marcha), Los Pimpolhos (marcha), Amor Filial (mazurka), Canção Árabe (melodia), Concertante (mazurka), Diovolina (polka), Fantastico sonho (valsa).*

[65] Músicas de sua autoria: *La Bella Italia (sinfonia), Marcia* [marcha] *Villa Bonfim, Polka, Marcha "Amor e Patria", Mazurka Fernet Branca.*

[66] Outras composições suas: *Parodia sinfonica, Grande dobrado Rio Branco, Marcha Rio Branco* [talvez a mesma composição, em arranjo diferente], *Sinfonia Ciume de arte, Tango sem malicia, Mazurka Ore di meditazione, Dobrado Virgem dos Geleiros.*

> A bella "Marcha" muzical que o inteligente musicista sr. Cunegundes Rangel dedicou ao nosso representante cap. Antonio E. de Moraes intitulada "A Cidade" será tocada hoje no jardim pela banda Giacomo Puccini.
> (**A Cidade**, 25/out/1908, pág. 1)

1.5 Teatros

A imprensa local procurava sempre apoiar os teatros e os seus espetáculos, raramente criticando alguma de suas atrações. As atrações consistiam em concertos, cançonetistas, cinematógrafos, peças teatrais, além de espetáculos exóticos de variedades, como era usual nos teatros e salões da época, tais como luta romana, companhias zoológicas, ilusionistas e outros[67].

Desde o primeiro número (1° de janeiro de 1905) o jornal **A Cidade** já apresentava a seção *Diversões públicas*, com a programação dos eventos nos vários espaços de entretenimento, que depois viria a se chamar *Theatros e...*, *Theatros* e *Pelos Theatros.* O jornal *Diário da Manhã* possuía a seção *Onde se diverte*, que depois veio a se chamar *Theatros*. As funções eram muito freqüentes, pois havia vários teatros funcionando simultaneamente. Em cada um deles havia sessões que chegavam a ser diárias, ou mais de uma por dia. Porém, os mesmos às vezes permaneciam paralisados por algum tempo para depois retornarem com nova programação ou nova direção. A exibição de filmes era a atração mais freqüente, e eram várias as empresas que promoviam as exibições e forneciam as fitas. Nem sempre eram mencionadas outras atrações acompanhando os filmes, mas é improvável que os filmes fossem exibidos sozinhos, pois o cinema mudo necessitava preencher a lacuna do som. Junto com os filmes costumava haver apresentações, principalmente de músicos e cançonetistas, antes, durante ou após a exibição. Havia orquestras que se apresentavam acompanhando os filmes ou outros artistas. Algumas eram fixas em determinados teatros, mas também se apresentavam em outros locais. As empresas que administravam os teatros contratavam os artistas, forneciam os cinematógrafos (muitas vezes alugados de uma outra empresa, principalmente de São Paulo) e filmes eram várias: *Aristides Motta & Companhia*, *Empreza Cassoulet* (ambas se associaram como *Cassoulet-Motta*), *Evaristo Silva*, *Empreza O. Stefani & Companhia*, *L. Junqueira & Cia.*, *Castro & Companhia*. O seguinte artigo demonstram uma rivalidade entre elas:

> **PELOS THEATROS**
> Da empresa Cassoulet-Motta recebemos uma amável carta em que nos pede a rectificação da parte da nossa nota de hontem na qual referindo-nos aos

[67] ARAÚJO, 1981, op. cit. TUON, 1997, op. cit.

> actuaes espectaculos affirmamos haver rivalidades entre as empresas Cassoulet-Motta e Evaristo Silva.
>
> Não o fazemos porque quanto a rivalidade existe e a prova d'esse facto é que ambas as empresas melhoraram ou tentam melhorar todos os dias os attractivos dos seus theatros.
>
> (...)
>
> (**A Cidade**, Ribeirão Preto, 3/out/1917, pág. 1)

O mais antigo, ativo e prestigiado empresário desse ramo foi François (ou Francisco) Cassoulet, que abriu seu primeiro teatro, o Eldorado Paulista, ainda no século XIX. Ele trouxe algumas companhias líricas estrangeiras para a cidade, além de inúmeros outros artistas, como cançonetistas, bailarinas, prestidigitadores, lutadores e conferencistas, que em suas vindas apresentavam-se em diversos teatros, muitas vezes em longas temporadas que chegavam a mais de um mês. A sua empresa faliu em 1917, e a sua morte, em 1919, causou grande comoção:

> **FRANCISCO CASSOULET**
>
> Depois de penosa enfermidade que o perseguiu tenazmente durante longo tempo, falleceu hontem, ás 4 horas da madrugada, no hospital da Beneficencia Portugueza, o antigo e popularissimo empresario theatral Francisco Cassoulet, que residia ha cerca de 30 annos nesta cidade.
>
> O finado, pela sua tenacidade e pelo seu extraordinario arrojo, conseguiu contractar para o seu centro de diversões as maiores notabilidades artisticas, taes como Clara Della Guardia, Gastone Monaldi, Ermete Novelli, Zacconi, Nina Sanzi, Fatima Miris, etc.
>
> Aqui vieram trabalhar por sua conta importantes companhias lyricas italianas e hespanholas, afamadas artistas de variedades inglezes, francezes, italianos, norte-americanos, hespahoes e de outras nacionalidades, além de numeros excentricos de valor que visitavam São Paulo e que o grande empresario, não olhando para prejuizos, não hesitava em contractar para delicia do nosso publico.
>
> O arrojo de Francisco Cassoulet, contractando grandes companhias para esta cidade era verdadeiramente extraordinário.
>
> Numa curta epocha, Francisco Cassoulet, devido ao seu esforço e á sua dedicação pela arte, conseguiu ser o empresario de todos os theatros locaes, dando grande impulso aos mesmos.
>
> A arte theatral em Ribeirão Preto, muito deve a esse empresario que sempre dedicou á mesma toda a sua actividade, vencendo, ás vezes, innumeros obstaculos.
>
> Francisco Cassoulet, não obstante a sua tenacidade e o seu devotamento aos negocios theatraes, morreu pobre.
>
> O seu sepultamento teve logar hontem, ás 5 horas, com o acompanhamento de numerosos amigos, que assim lhe tributaram essa ultima homenagem.
>
> (**A Cidade**, Ribeirão Preto, 18/fev/1919, p. 2. Transcrição de Liamar Izilda Tuon. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto)

Eram comuns as apresentações de artistas das mais diversas nacionalidades, principalmente italianos. Encontramos notícias sobre artistas que vinham direto de Montevidéu e Buenos Aires, contratados pela *Empreza Cassoulet*. A maioria deles, porém, era contratada em São Paulo. O fato de tais artistas serem estrangeiros não significa necessariamente que eram residentes em países e estavam em excursão pelo Brasil, pois no Estado era enorme a quantidade de imigrantes das mais variadas origens, principalmente europeus e italianos.

A existência de várias empresas concorrentes nesse ramo demonstra que o entretenimento era um negócio bastante rentável. As críticas dos jornais e a repetição de certos tipos de espetáculos demonstram quais eram aqueles preferidos pelo público. Os espetáculos musicais mais populares dos teatros eram as operetas, revistas e cançonetistas. Cantores líricos e companhias de ópera eram muito apreciados e gozavam de um status superior entre os demais artistas. Os espetáculos humorísticos eram muito populares e atraíam grande público. Na coluna de crônicas *Conversas alheias*, o autor D. Bias. esclarece os motivos dos eventuais fracasso de público dos espetáculos dramáticos:

> Em materia de theatro prefiro o mais reles dos vandevilles ao mais meditado dos dramas. Entendo que ao theatro vae quem quer divertir-se, e isto da gente sahir de sua casa para passar duas ou tres horas agoniadas, sentado n'uma cadeira, tentando reter a custo as lagrimmas... não é commigo.
> (...)
>
> (**A Cidade**, 11/fev/1905, pág. 1)

1.5.1. *Carlos Gomes*

Obedecia à estrutura clássica de um teatro de ópera, com platéia (400 poltronas), galeria (200 poltronas), camarotes, frisas e *foyer*. Localizava-se no coração da cidade, em frente ao *Jardim Publico*. Foi inaugurado em 1897, construído pelo cafeicultor Francisco Schimidt, numa época em que a área central da cidade ainda não tinha alguns equipamentos básicos de infra-estrutura (ver capítulo I). Sua inauguração aconteceu em 7 de dezembro, com apresentação da companhia lírica italiana *De Matta*, que apresentou *O Guarani*, de Carlos Gomes.[68]

O *Carlos Gomes* era aberto a todo tipo de público, porém o barulho da galeria (também chamada de "galinheiro", lugar mais barato e popular do teatro) provocou a

[68] CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto – vol V**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1997. Pág. 52

publicação de um artigo em protesto, com um certo tom de ironia. Era inadmissível o mau comportamento da audiência naquele espaço. Em outros teatros esse tipo de reclamação não aparece.

> **THEATRO**
> **(Á POLICIA)**
>
> Pedimos ao Sr. Cap. Delegado de Policia pôr em execução uma medida muito simples, facilima, e que, entretanto, vae prestar a todos os frequentadores do Theatro Carlos Gomes um grande serviço, e pôr a termo a um abuso e uma falta que já vão degenerando em desrespeito e desordem naquella casa de espetáculos.
>
> Queremos nós referir a prohibição da entrada dos frequentadores das galerias munidos de bengalas, guarda-chuvas e até de cacetes, que só tem servido para augmentar o barulho inconvenientissimo que é feito naquellas altas regiões do Theatro.
>
> Ás autoridades que presidem os espetaculos pedimos em nome dos que frequentam o Theatro "Carlos Gomes" providencias nesse sentido, e evitarem que se reproduzam os ditos grosseirss [sic], a vozeria que fazem aquelles senhores das torrinhas que por estarem lá por cima, julgam-se talvez, acima das próprias autoridades que devem chamal-os á ordem.
>
> Tem muita gente que já vae fugindo do Theatro porque não podem ouvir os artistas, tal a algazarra dos habitues revolucionarios do galinheiro.
>
> Esperamos ser attendidos, tão pouco pedimos.
>
> (**A Cidade**, 11/fev/1905, pág. 1)

Dia 23 de março de 1909 é publicada na primeira página do jornal **A Cidade** parte da regulamentação para os divertimentos públicos, assinada pelo Secretário de Justiça e Segurança Pública do Estado. Segundo a mesma, os espectadores deveriam ocupar os lugares indicados pelos seus bilhetes; tirar os chapéus dentro das salas de espetáculo; não fumar; permanecer em atitude correta; sem incomodar aos outros; não perturbar os artistas (aplausos ou manifestações de reprovação são admitidos de forma comedida); não distribuir impressos, manuscritos e gravuras sem licença da autoridade que estiver presidindo o espetáculo; não recitar discursos nem fazer declarações que perturbem a ordem; não fazer motim ou quaisquer atos que perturbem a ordem. Também foram publicadas as regras para o funcionamento dos cinematógrafos.

Em 1905 tiveram lugar no palco do Carlos Gomes a dupla cômica italiana Les Gianelli, a cançonetista italiana Olga Valverdes, Cia. Appiani de variedades (italiana). Em 1908 a *Companhia de Variedades Appiani* retorna à cidade. Em 1909 a falta de boas companhias já é sentida pelos espectadores:

> *Estão se prolongando demasiadamente as ferias do theatro Carlos Gomes.*

> *A vinda de uma companhia de revistas e operetas para abrir o alegre e tão desejado parenthesis na serie de exibições cinematographicas, ja fastidiosas ao nosso populoso e civilizado meio, está se impondo.*
>
> *(**A Cidade**, 15/abr/1909, p. 1)*

Apenas em janeiro de 1910, junto com o cinematógrafo, apresenta-se a dupla Pepe-Montenegro (contratada em São Paulo) e a cantora La Valieres (contratada em Buenos Aires). Antes disso, o Carlos Gomes ficou fechado por alguns meses para reforma, e, enquanto esteve aberto, apresentou apenas filmes. Em março de 1910 a grande atração foram os transformistas (ventríloquos e imitadores cômicos) Donnini e os irmãos Giordano. Em abril, a dupla italiana Capricci Rossi. Alguns artistas contratados pela Empreza Cassoulet para se apresentarem no Eldorado Paulista apresentaram-se também no Carlos Gomes. Em agosto houve o concerto promovido pelo maestro Luiz Provesi, acompanhado pelos músicos S. Ciaboral, Giorgio Fioretti e Lilia Mello. Em setembro esteve em cartaz a companhia de teatro de revista Silva Pinto, da qual faziam parte o maestro Arco, o ator Machado e a cantora Pepa Ruiz. O seu estilo debochado atraiu uma grande assistência, mas recebeu críticas do jornal **A Cidade**, em nome de certa parcela do público:

> Não fossem certos gingados que, se têm vantagens em palcos livres das urbs movimentadas onde a pimenta é um condimento indispensavel, nos nossos, entretanto, desagradaram um tanto, e diriamos que foi impecavel. E o foi apenas com esta excepção: o seu merito é inquestionavel.
>
> (**A Cidade**, 2/set/1910, pág. 1)

Em março de 1911 apresentaram-se no palco do Carlos Gomes a poetisa Julia Cezar e o barítono E. de Marco. Programa:

> 1 Gonoud – Faust – Santa medaglia
> 2 Gomes – Schiavo – Sogni d'amor
> 2ª Parte
> Conferencia literaria pela poetisa Julia Cesar sobre o thema "O Amor".
> 3ª Parte
> 1 Bizet – Carmen – Con voi ler
> 2 Leoncavallo – Mattinata
> 3 Leoncavallo – Prologo dei Pagliacci
> Adeus! = despedida e agradecimento da poetisa Julia Cezar ao povo desta cidade.
>
> (**A Cidade**, 9/set/1911, pág. 1)

Em janeiro e fevereiro de 1913 apresentou-se no Carlos Gomes a transformista Fatima Miris, interpretando vários personagens, danças e cançonetas. Sua performance foi bastante elogiada:

> Essa mulher vale, por si só, uma companhia inteira (...). E de facto, Fatima Miris, nas suas multiplas e repidissimas transformações, encarnav ao mesmo tempo dezenas de personagens; fazia variados numeros de café concerto; imitava diversos maestros celebres; executava prestidigitações; cantava, pulava, cabriolava, trazendo sempre a hilaridade dominante sobre a assistencia.
> (**Diario da Manhã**, 30/jan/1913, pág. 1)

Em março esteve em cartaz, para 8 récitas, a Companhia Lahoz de operetas. Sua passagem pela cidade teve grande destaque no noticiário, demonstrando que essa era uma das companhias mais prestigiadas. Em fevereiro de 1914 a companhia espanhola de operetas e zarzuelas Tressols & Capsir faz várias récitas, que são bem recebidas. A sua música, seus bailados e figurinos são fartamente elogiados. Em abril de 1915 apresenta-se o trio Phoca, Abigail e Moreira, com anedotas, performances e canções cômicas. Esse espetáculo foi muito concorrido e comentado. Chegaram a fazer uma apresentação beneficente, cuja renda foi revertida para a Santa Casa de Misericórdia. Em 1916 foi realizado o primeiro concerto sinfônico na cidade, por iniciativa de músicos locais.

O teatro Carlos Gomes foi constuído com o intuito de oferecer um espaço adequado para a apresentação de grandes companhias líricas e dramáticas, que representavam "a grande arte", porém tais companhias visitavam a cidade um ou duas vezes por ano apenas, em temporadas que duravam cerca de uma semana. Na maior parte do tempo, o teatro permanecia fechado, ou era utilizado para a projeção de filmes e espetáculos de "segunda ordem", com artistas de variedades contratados pela Empreza Cassoulet para estrearem no Eldorado Paulista e depois nos outros teatros. Também era muito utilizado para a realização de bailes, como no Carnaval.

1.5.2 *Eldorado Paulista*

Localizava-se na rua São Sebastião, entre as ruas Amador Bueno e Álvares Cabral. A partir da seguinte notícia sobre o seu 2° aniversário podemos ter uma idéia da importância atribuída ao *Eldorado*, e o número de artistas que ali se apresentaram até então. No período estudado, este foi o teatro com o maior número de espetáculos musicais ou musicados, fornecendo, inclusive, artistas de suas trupes para os outros teatros.

> **ELDORADO**
> Festeja hoje o seu II anniversario, o elegante theatro-concerto cujo nome encima estas linhas.
> O quanto tem elle cooperado para o engrandecimento de Ribeirão Preto, todos nós o sabemos. Si bem examinar-mos a sua vida, veremos que elle tem

> sido uma das alavancas do nosso progresso, um dos poderosos sustentaculos do nosso comercio conseguindo tornar conhecida de todo o Brasil a nossa cidade.
>
> Logares há no Estado de S. Paulo que sendo mais velhos do que Ribeirão Preto são quase desconhecidos, si o não são in totum, porque lhes faltam os pontos de attracção que chamem ao seu seio os viajantes ou excursionistas e lhes proporcionem meios de destrairem-se, pois de longas e penosas fornadas.
>
> Aqui não. O touriste ou o viajante encontra no Eldorado um meio facil de lhe suavizar as agruras da vida, de lhe amenizar os soffrimentos moraes deixando-o apto a luta pela vida.
>
> E elles reconhecem isso pois teem concorrido sempre para que o Eldorado possa hoje completar o respeitavel numero de 3525 espetaculos nos quaes trabalharam 574 artistas de ambos os sexos, sendo alguns de verdadeiro merito e que depois de terem "feito furor" aqui, foram recebidos com freneticos applausos pelas platéas da Europa e da America.
>
> A Empreza do Eldorado para festejar condignamente esse seu sucesso deliciará os seus habitués com um espectaculo cujo programma foi escolhido a capricho e offerecer-lhe-há, além de um grande baile, "chops" e charutos.
>
> Ao sr. Francisco Cassoulet enviamos d' estas columnas os nossos emboras, pelo II° anniversario do "gracioso" theatro da rua S. Sebastião.
>
> (**A Cidade**, 10/out/1908, pág. 1)

No entanto, dia 19 de janeiro de 1905 anuncia-se, na coluna *Diversões Públicas*, a *Coppia Sportelly* no *Eldorado*, além de outros nesse mesmo ano. Presumimos, então, que o *Eldorado* deve ter passado por uma reinauguração em 1906. No livro *A pintura na "Capital do Café"*, de Maria Elizia Borges, a autora menciona o ano de 1887 como o da sua inauguração. Benedita Luiza da Silva, em *O Rei da Noite na "*Eldorado Paulista*"*, afirma que o *Eldorado* foi instalado no final da década de 1890, como um rústico barracão, que foi gradativamente sendo ampliado e estruturado. Citando o *Livro 3-G de transcrições de imóveis do 1° Cartório de Registros de imóveis de Ribeirão Preto*, Silva[69]nos dá uma descrição do ambiente, em 1906:

> Um prédio a rua São Sebastião, fazendo esquina na rua Amador Bueno, dividido em quatro habitações ou moradia, sendo duas para a rua Amador Bueno, com os números 54 e 56, e duas para as ruas São Sebastião, com os números 13 e 15, constituindo de tijolos, telhado, assoalhado e forrado, edificado em terreno foreiro de 60 palmos, mais ou menos, para a rua Amador Bueno, todo cercado a muro de tijolos com água encanada, latrina, esgoto...

O *Eldorado Paulista* algumas vezes aparece denominado como café-cantante. Contava com variados tipos de atrações, inclusive exibição de filmes, mas predominavam os espetáculos ao vivo. Costumava ter sempre a seu serviço uma troupe contratada para as

---

[69] SILVA, Benedita Luiza da. **O Rei da Noite na Eldorado Paulista: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880-11930).** Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/Departamento de História, 2000.

apresentações, por longas temporadas que chegavam a durar meses. Funcionava quase diariamente, inclusive com bailes no final das sessões, em algumas ocasiões. No período estudado, foram inúmeros os artistas que passaram por ali, dos mais diversos gêneros. Os espetáculos musicais mais freqüentes eram de cançonetistas e cantores líricos. Havia uma orquestra a serviço do teatro, regida por D. Baccaro.

Em 1914 o Eldorado Paulista é desativado e, nesse ano, em sociedade com a Cervejaria Antarctica (instalada na cidade em 1911), F. Cassoulet inaugura o Cassino Antarctica, uma casa de espetáculos do mesmo gênero. No entanto, em 1917 o seu proprietário e gerente vai à falência e o Cassino é fechado. O Eldorado reabre em 1916 sob a gerência do ex-maestro da casa, D. Baccaro, tentando manter o mesmo tipo de programação. Enquanto isso, a orquestra do Cassino fica a cargo do maestro Giovanni Gemme.

1.5.3 *Bijou Theatre*

A data da sua inauguração é desconhecida, mas em 2 de janeiro de 1909 já existe notícia do seu funcionamento, exibindo filmes no cinematógrafo fornecido pela *Empreza Cassoulet*, que podem ter sido acompanhados por músicos. Em abril de 1909 houve uma reinauguração desse espaço, que desde janeiro havia desaparecido do noticiário. Ele se localizava em frente ao *Jardim Publico*, na rua General Osório, de acordo com as notícias a partir de março daquele ano. Esse teatro pertencia à *Empreza J. Penteado & Cia.*, mas a sua programação ficava a cargo da sócia *Empreza Cassoulet*, que ia buscar em São Paulo e no Rio de Janeiro as fitas, fornecidas por empresas destas cidades. A regência da sua orquestra ficou por conta de Ormeno Gomes, sobrinho de Carlos Gomes[70].

Houve uma inauguração destinada às autoridades e membros da imprensa no dia 23/4. No dia 27/4 o jornal **A Cidade** já dizia que o novo teatro "*tem regorgitado de espectadores*", especialmente na abertura ao público, dia 25, quando chegou a ser necessária a intervenção da polícia. O filme Mancha de Sangue foi exibido acompanhado de sua música original, executada pela orquestra da casa, além de outras fitas. O jovem tenor Meconi também se apresentou e foi muito aplaudido, tendo seu número se repedido por vários dias.

Em 7 de maio a banda *União Progresista* tocou em frente ao *Bijou Theatre* a fim de promover a sessão de cinema daquele dia, que iria angariar fundos para as vítimas do

---

[70] Componentes da orquestra: Maestro Travet, José Cicala, C. Pagnotti e Fioretti (quatro primeiros violinos); Victor Collo (primeira flauta); Antonio Monteiro da Costa e Cassio Nardi (contrabaixos); J. Gugliotti (clarineta). (*A Cidade*, 12/maio/1909, pág. 1)

terremoto do Ribatejo (Portugal). Mais uma vez o salão foi pequeno para conter o grande público.

Em maio de 1909, uma notável produção do *Bijou Theatre*: a fita da ópera *Tosca* sendo exibida juntamente com a música, executada pela orquestra da casa:

> (...) Quinta e Sexta-feira faremos exhibir no "Bijou Theatre" e PELA PRIMEIRA VEZ NESTA CIDADE com a respectiva musica do renomado compositor Puccini, executada por 10 Professores (verdadeiros) sob competente regencia do maestro Ormeno Gomes, essa maravilha cinematographica que se chama "A TOSCA" interpretada pelos melhores artistas dramaticos da França e especialemnte para a fomosa casa "Pathé Frères".
> (...)
>
> (**A Cidade**, 11/maio/1909, pág. 1)

No dia 18 de maio, apresentando-se a *Tosca* no fim de semana anterior (dias 15 e 16), foi noticiada mais uma "*enchente*" onde não havia mais nenhuma cadeira vazia e quase foi necessária novamente a intervenção da polícia. Foram vendidas 1.111 entradas.[71]

Este cinema manteve sempre um bom nível de público, e as suas sessões eram freqüentemente acompanhadas de espetáculos musicais de artistas emprestados ao Eldorado Paulista.

1.5.4 *Paris Theatre*

Foi inaugurado dia 10 de dezembro de 1908 como cinema, pela *Empreza L. Junqueira*. Exibia exclusivamente filmes, e tinha a seu serviço a banda regida por Sebastião Pimentel. A partir de 1912 foi incorporado pela Empreza Cassoulet, e passou a apresentar também espetáculos de variedades, acompanhando os filmes.

1.6 Professores e afinadores

1.6.1 Professores de música

Os professores residiam na própria cidade, muitos deles eram estrangeiros, inclusive com formação no exterior. Anunciavam-se nos jornais com freqüência, mas em número reduzido. Lecionava-se, principalmente, canto e piano, além de iniciação musical.

1.6.2 Afinadores de pianos

Anúncios de consertadores e afinadores de pianos eram muito freqüentes. Esses profissionais, na maioria das vezes, não residiam na cidade, apenas permaneciam por, no

[71] **A Cidade**, 18/maio/1909, pág. 1.

máximo, alguns meses. Os pianos necessitam de apenas uma afinação por ano, por isso os afinadores precisavam viajar de cidade em cidade em busca de trabalho. Como veremos adiante, em Ribeirão Preto havia um volumoso comércio de pianos.

1.7 Festas religiosas

Missas e procissões eram, algumas vezes, cantadas ou acompanhadas por bandas.

Na primeira página do jornal *O setimo districto*, de 19/4/1893, temos a notícia de uma festa do divino:

> **Festa do divino**
>
> É este o programma da festa do Divino Espirito Santo, que promette ser brilhantissima:
>
> No dia 22, se cantará missa solemne, fazendo-se ouvir ao Evangelho, um distincto orador sagrado.
>
> A' tarde, ás 5 horas, percorrerá as ruas da cidade, a imponente procissão do Divino, acompanhada de imagens em andores ricamente preparados.
>
> A' noite, depois do leilão, se queimará um lindo fogo de artificio preparado pelo habil artista José Gomes do Amorim.
>
> Na vespera do dia festivo, subirão ao ar inumeros foguetes, havendo musica no largo, convenientemente enfeitado.
>
> A illuminação e a musica, quer sacra, quer profana, estão a cargo do sr. Pedro Xavier de Paula.
>
> O digno festeiro, o sr. Virgilio Nogueira, tem empregado todos os esforços para que se faça uma festa attrahente.

Percebemos, então, a presença do elemento profano, comum nas festas religiosas populares. O encarregado da musicalização da festa é o mesmo Pedro Xavier de Paula, citado como fundador da primeira banda de Ribeirão Preto, em 1887.

As datas comemoradas anualmente eram as festas da Consolação, de São José, de São Sebastião, as festas juninas, a Semana Santa. Em tais datas havia missas cantadas por coros religiosos e a realização de quermesses com a presença de bandas.

1.8 Comemorações cívicas

As comemorações cívicas costumavam acontecer nas ruas, principalmente no *Jardim Publico*, acompanhadas por bandas, como foi citado acima, nas escolas ou com a participação das mesmas. Por vezes eram realizados desfiles e carreatas em tais comemorações. As datas comemoradas anualmente eram o 21 de abril (feriado instituído em 1911), 3 de maio (antiga data da descoberta do Brasil pelos portugueses), 14 de julho, 7 de setembro, 15 e 19 de novembro (Festa da Bandeira).

1.9 Eventos e educação musical escolares

As escolas se mobilizavam para fazer festas em homenagem às datas cívicas e nos finais de ano letivo. Os eventos escolares, tanto as festas como outros mais corriqueiros, como listas de alunos aprovados e reprovados, mudanças de professores, abertura de matrícula, mudança no horário das aulas, etc., eram fartamente noticiados. Anúncios de escolas particulares também eram muito presentes.

A educação musical era obrigatória no ensino regular do *Collegio Progresso*, onde havia também outras disciplinas facultativas sobre música:

> **Collegio Progresso**
> INTERNATO E EXTERNATO PARA MENINAS
> Elegante e confortavel intalação á Rua S. Sebastião 96 Ribeirão Preto
> (...)
> Materias do curso
> (...) solphejo
> Materias facultativas
> Piano, Bandolim, Violino, Canto, Pintura, Pirogravura
> (...)
>
> (**A Cidade**, 31/jan/1909, pág. 3)

No *Externato dos Padres Agostinianos* o estudo de música era facultativo:

> ***EXTERNATO DOS P. AGOSTINIANOS***
> *Rua F. de Abreu n. 58*
> *GRATUITO*
> *(...)*
> *5. Só os alumnos de francez desenho e musica deverão pagar uma modica joia.*
> *(...)*
>
> *(***A Cidade***, 10/jan/1908, pág. 2)*

Nas escolas públicas o ensino de música também era realizado, e nos festejos escolares a música estava presente. Os próprios alunos e professores se encaregavam das apresentações musicais, que incluiam desde hinos cívicos até cançonetas, de acordo com a ocasião.

> **Grupo Escolar Dr. José Alves Guimarães Jr.**
> Festa de encerramento do anno lectivo.
> Programma:
> 1ª Parte
> 1 Orchestra sinfonia hovena – Bellini
> (...)

4 Doutrina – Cançoneta – 1º B femi.
(...)
6 Os 30 botões – Comedia com musica – 2 fem.
(...)
8 Torna a sorriente e a Roseira – Duetto – 4º femi.
2. Parte
9 Orchestra Gioconda – Ponchielli
(...)
11 Creanças – canto e dança – 1º B fem. E 1º A masc.
(...)
14 Solo Mio – Cançoneta napolitana – 1B e 2º fem com 3º masc.
(...)
16 Fé, Esperança e Caridade Comedia com musica – 1º A e 3 fem.
3ª Parte
17 Orchestra sinfonia – Poeta e contadino – Soppé
18 Santa Lucia – Serenata 1º A e B, 2º e 4º fem.
(...)
22 Cesira = Canto – 1ª – fem.
23 Terras das maravilhas – Cançoneta 3º fem.
24 Danças Portuguezas com canto – 2º e 4º fem.

(**A Cidade**, 26/nov/1908, pág. 1)

Nessa festa do Grupo Escolar a Empreza Cassoulet cedeu a sua orquestra para acompanhar os alunos. Aristides Motta, fotógrafo e emprsário de cinema, foi o responsável pelos cenários. Festas semelhantes aconteciam todos os anos, nos vários colégios da cidade.

1.10 Bailes

Definimos como bailes as festas dançantes realizadas em salões. Os bailes eram realizados a fim de se homenagear pessoas ou arrecadar fundos para diversas causas. Eram realizados nos salões de associações e teatros. Para se promover bailes públicos era preciso ter autorização especial da polícia:

Bailes publicos

O dr. Mamede da Silva [chefe da polícia] concedeu as licenças requeridas pelo sr. Antonio da Costa Braga e pelos empresarios do Ideal Rink, para darem bailes publicos hoje, o primeiro em sua residencia, á rua Saldanha Marinho n.44, e os segundos naquella casa de diversões.

(**A Cidade**, 2/fev/1913, pág. 2)

Tais autorizações aparecem publicadas a partir de 1910.

Alguns bailes chegavam a ser noticiados com os nomes dos seus participantes, a fim de promover tanto o prestígio das festas como o de seus convidados.

O BAILE DE SABBADO

> Ha muitos annos , não vemos um baile com tanta animação. Está esplendido.
>
> Era esta a phrase obrigada de sabbado á noite nos soberbos salões do nosso "Carlos Gomes". Desde as 9 horas da noite começou a affluir aquelle theatro o que a nossa sociedade tem de mais selecto.
>
> A commissão de recepção composta dos srs.: major Durval Vieira, Oscar Faria, Academicos Odorico mendes e Nelson Vieira e Horacio Machado conduziram gentilmente os convidados dispensando-lhes todas as amabilidades.
>
> As 10 horas começaram as danças qu sempre animadissimas se prolongaram até as 5 horas da manhã, quando se retiraram todos satisfeitssimos pela boa ordem que reinou.
>
> O serviço de buffet e buvette foi organisado e servido como perfeição e esmero, pela Rottisserie Cassoulet.
>
> Dentre as pessoas presentes podemos colher os nomes dos seguintes:
>
> Cel. Joaquim da Cunha, senhora e filhos, cel. José Augusto Porto senhora e filhos, cel. Joaquim Alves senhora e filhos, cel. Augusto Maciel e senhora, major Arthur Penteado e senhora, dr. Macedo Bittencourt, dr. Fabio Barreto, dr. Enéas da Silva e senhora, major Antonio Pereira da Silva, senhora e filhas, dr. Fernando Faria, senora e filhas, cap. Joaquim Vieira Filho, Professor José de Olivar e senhora, cap. Mario Pinto, José Barbosa Torres Felicio de Castro Pinto, Herculano Mendes, José de Oliveira, Adhemar Gonçalves, Heraclito La Sierra, Clovis Gusmão, Antonio Salviano, Filintho Carvalho, Academicos Manoel de Carvalho e suas gentis irmãs, Ildefonso Nogueira, Plinio dos Santos, Augusto Gonçalves, Jeronymo Faria, João Frota, João de Mello, senhora e filhas, Alberto, Renato e Alexandre Leite, Balduino dos Santos, senhora e senhorita Müller, senhorita Roldan, senhorita Adelaide Junqueira, senhora e senhorita Bezerra, senhorita Elvira Veiga, senhoritas Carvalho Miranda, senhorita Evangrlina de Almeida, senhorita França, senhorita Salviano, A. A. da Costa Ferreira e senhora e muitas outras pessoas cujos nomes nos foi impossivel tomar.
>
> (**A Cidade**, 17/jan/1905, pág. 1)

Promover bailes não era privilégio exclusivo da elite. Festas dançantes eram muito comuns entre toda a população. Existiam associações constiuídas com a finalidade de promover festas dançantes, como a Flor da Mocidade, a Sociedade Cosmopolita, Sociedade Internacional Dansante Familiar, Sociedade Dansante Familiar Maestro José Delfino Machado. Outras associações promoviam bailes em datas especiais.

> É este o programma dos festejos a realisar-se hoje pela sociedade "Unione Italiana" e pela "Liga Operaria".
>
> (...)
>
> Ás 8 horas da noite, grande baile particular entre os socios das duas sociedades.
>
> (**A Cidade**, 1/maio/1909, pág. 1)

As casas de diversão (teatros e rinks) também promoviam bailes, com finalidades específicas ou não. O Eldorado Paulista e o Casino Antarctica organizavam bailes freqüentemente.

1.11 Comércio de instrumentos, partituras, gramofones e discos

Nos jornais era comum encontrar anúncios de venda e manutenção de instrumentos, partituras, gramofones, partituras e discos. O que mais se destacava era o comércio de pianos. Tais anuncios (asssim como outros publicados pelos jornais) eram repetidos diarimente por um longo período, entre dois meses e um ano, em média.

> A LIVRARIA VERISSIMO DOS SANTOS = Rua Alvares CAbral, 21, possue enorme sortimento de romances, livros escolares, modinhas, cadernos, lapis, tintas e papel em elegantes caixinhas a preços reduzidos. Ribeirão Preto.
>
> (**A Cidade**, 11/out/1908, pág. 3)

O termo "modinha", usado no primeiro dos anúncios, se refere às partiturasde tais canções. Em outubro de 1910 aparece mais uma anunciante de modinhas:

> **LIVROS**
>
> A Livraria Salles, rua A. Bueno 41, vae passar por uma grande reforma, e para isso, estabeleceu preço de occasião em alguns livros, cujos preços serão mantidos até o dia 25 do corente mes.
>
> (...)
>
> MODINHAS: Lyra do Capadocio de 1.500 por 800. Trovador da Malandragem, de 1.500 por 800. Lyra de Apollo de 2.500 por 1$600. Trovador de Esquina de 2$ por 1$700, Serenatas de 1.500 por 800. O cantor de Modinhas Brasileiras de 1.500 por800. Trovador Maritimo de 1.500 por 800. Trovador Moderno de 1.500 por 800. Choros ao violão, de 1.500 por 800. Cancioneiro popular de 2.500 por 1.600. Lyra infantil de 2$ por 1.600. Molongos canções e Cançonetas de 2,500 por 1.600. Molongos Canções e cançonetas de 2,500 por 1.600. (...)
>
> (**A Cidade**, 18/out/1910, pág. 4)

Casas de São Paulo e Campinas anunciavam compra e venda de piano, dando a entender que em Ribeirão Preto havia demanda para este comércio, mas não havia fornecimento local, ou este não era suficiente, abrindo uma brecha para a atividade destas casas, que também trabalhavam com outros produtos e facilitavam a compra através de clubes (consórcios). Os anúncios têm o aspecto visual bem cuidado e ocupam um espaço significativo na página do jornal. O primeiro anunciante foi a *Casa Azul*, de Campinas, em abril de 1905:

> **PIANOS**
>
> VENDAS DE OCCASIÃO
>
> A Casa LIVRO AZUL, de Campinas, em vista da alta do cambio, resolveu vender o bom stock de pianos que possue, por PREÇOS

> EXTREMAMENTE REDUZIDOS; cerca de 500$000 menos do que os preços do anno passado.
>
> Quem precisar de um bom piano, instrumento perfeito e de inteira confiança, não deve perder esta occasião de o comprar com enorme reducção de preços.
>
> Pianos de fabricantes afamados até por 1:400$! garantidos.
> PIANOS USADOS
> Porém em bom estado, tem para todos os preços.
> COMPRAM-SE PIANOS USADOS
>
> (**A Cidade**, 12/abr/1905, pág. 3)

Ao lado da parte escrita deste anúncio há a ilustração de um piano e, embaixo, a inscrição "*A. B. de Castro Mendes – Campinas*".

A partir de outubro de 1908 aparecem os anúncios da *Casa Standard* (do Rio de Janeiro, mas possuía uma filial na cidade) que se repetem por todo o período pesquisado, comercializando também armas e máquinas de escrever através de *clubs* (consórcios). Seus anuncios se repetiam quase diariamente durante todo o período estudado.

Além desses grandes vendedores, era comum particulares anunciarem a venda de pianos usados, e leilões onde os pianos eram incluídos.

> Piano
> Vende-se um piano de bom autor e em perfeito estado.
> Trata-se à Rua Tibiriçá, 83
>
> (**A Cidade**, 1/jan/1914, pág. 3)

> **BOM LEILÃO DE MOVEIS**
> Sabbado, 11 de Março de 1911
> Ao meio dia
> Praça Barão do Rio Branco, 5
> (em frente á Camara Municipal)
>
> Caetano Fabrini, leiloeiro matriclado (...) e auxiliado pelo Sr. Ananias Barbosa, devidamente autorisado por uma distincta familia que se retira desta cidade venderá em franco e publico leilão, ao maior lance offerecido todos os moveis abaixo descriptos:
>
> 1 rico e novo piano com 3 pedaes abafadores, dos autores Zeitter & Wintesmam
>
> (...)
>
> (**A Cidade**, 9/mar/1911)

Ter um piano em casa representava status, e mesmo quem não sabia tocar poderia ter uma pianola em casa para animar as reuniões e decorar a sala de estar.

O comércio de outros instrumentos era anunciado de forma eventual, por particulares, e o maior comerciantes de instrumentos, cujos anúncios aparecem a partir de maio de 1911, era a Casa Baruffi.

A Casa Bacarato era a principal comerciante de discos e gramofones da cidade, e a partir de outubro de 1909 freqüentemente anunciava seus produtos nos jornais – as novidades vindas de São Paulo e Rio de Janeiro, e os seus respectivos preços. Seus anúncios traziam imagens de gramofones e também costumavam ocupar uma grande parte das páginas (metade ou ¼).

Considerações finais

Ao longo do trabalho, percebemos que os mesmos ditames modernizadores e normalizadores que se aplicavam ao espaço físico também influenciavam nas atividades ligadas à música, e no próprio repertório utilizado e executado, porém havia espaço para uma certa mobilidade. Havia os espaços e os repertórios destinados à elite, que também eram apropriados pelas camadas inferiores da população, a fim de se identificarem com os valores culturais considerados "superiores".

As empresas de entretenimento que atuavam na cidade no período estudado traziam artistas dos grandes centros (Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires e Montevidéu) e, com eles, vinham os modismos importados em voga nessas capitais. A imprensa, na grande maioria das notícias, procurava apoiar os espetáculos, com recomendações e críticas elogiosas, construindo a idéia de que tais artistas, a maioria estrangeiros, eram o que de melhor havia no mundo das artes.

Companhias líricas e dramáticas eram os mais prestigiados, e mereciam vários artigos, por dias a fio, sobre as suas temporadas e a sua passagem pela cidade. Representavam o refinamento e a erudição. Seus espetáculos eram apresentados no Theatro Carlos Gomes que, embora funcionasse na maior parte do tempo como cinema ou permanecesse fechado por longas temporadas, era o palco ideal por onde desfilavam os artistas e as classes "superiores". Mesmo nesse espaço reservado aos mais "distinctos", havia a galeria, cujos ingressos eram mais baratos, e era freqüentada por pessoas de menos posses. Apesar de a sua presença e o seu comportamento serem considerados inadequados, ali estavam. Assim como o cinema e outras formas de entretenimento mais populares, provavelmente por não ser possível uma total segregação dentro de um centro urbano ainda tão pequeno.

Nos demais cinemas-teatros a programação variava entre os filmes (acompanhados por uma orquestra) e os espeáculos de variedades, entre os quais cantores, principalmente líricos e cançonetistas. Tais artistas costumavam passar longas temporadas na cidade, que chegavam a meses, e se alternavam nos vários teatros. Os cantores líricos executavam um repertório composto por árias de óperas famosas, o que lhes dava um status de "grandes artistas", porém não tão grandes como as companhias citadas acima. Os cançonetistas eram os artistas mais populares entre os contratados pelas companhias, o que reflete o gosto da população por espetáculos humorísticos.

Os teatros que mais se destacavam pelo número de apresentações ao vivo eram o Eldorado Paulista e o Cassino Antarctica. Em seu período áureo, foram administrados pela

Empreza Cassoulet, que também gerenciava outros teatros e era a maior do ramo de entretenimentos na cidade, no período estudado. Raramente apresentavam filmes, a maior parte da programação era composta por espetáculos de variedades, cançonetistas em duplas, cantoras e bailarinas (muitas vezes apontadas como prostitutas). Ali também eram promovidos bailes com freqüência. Esses estabelecimentos, embora prestigiados pelos jornais, eram um tanto mal-afamados, tidos como lugares "de desfrute". Seus artistas, assim como os que passavam por outros teatros, também cumpriam longas temporadas, e se apresentavam em outros espaços.

As bandas eram as entidades musicais mais presentes no cotidiano da cidade. Apesar de o seu espaço cativo ser o coreto do Jardim Publico, elas se apresentavam nas mais diversas ocasiões, nos mais diversos espaços – retretas domingueiras, comemorações cívicas, carnaval, bailes, recepções a autoridades na estação da Mogiana, etc. Representavam a forma mais democrática de acesso à música, e os seus principais mediadores. Seu repertório reunia desde trechos de óperas e outras obras eruditas a melodias de canções populares, e composições dos seus próprios componentes, como José Delfino Machado, Giovanni Gemme e Cunegundes Rangel, que obedeciam aos ritmos em moda na época: marchas, mazurkas, valsas, polcas, etc. Além das retretas dominicais, o Jardim Publico servia a outras manifestações musicais, como as comemorações cívicas e os festejos carnavalescos.

Os carnavais eram comemorados, preferencialmente, em torno do Jardim Público, onde ocorriam os corsos e préstitos, batalhas de confetes, e o condenado entrudo. Para se desfilar com os carros enfeitados, fantasiar-se e promover bailes (mesmo fora do período do carnaval) era preciso pedir autorização à polícia, que todos os anos publicava um edital informando sobre as regras a serem seguidas pelos foliões. Os festejos eram organizados, via de regra, por clubes compostos, em sua maioria, por comerciantes. Estes recolhiam donativos em seus livros de ouro e lideravam os corsos e préstitos, e também promoviam bailes. O repertório carnavalesco não diferia muito daquele executado pelas bandas em dias normais.

De acordo com os anúncios presentes nos jornais, havia um significativo comércio de pianos na cidade – uma manifestação da "pianolatria" descrita por Mário de Andrade. O principal comerciante era a Casa Standard, do Rio de Janeiro, com uma representação na cidade. Havia outros anunciantes, mas esse era o mais presente e mais constante no período estudado. Afinadores passavam temporadas na cidade que chegavam a durar meses. Um piano necessita de afinação anual, portanto a presença desses profissionais é mais um indicativo da forte presença dos pianos na cidade. Além disso, os anúncios de vendedores particulares de pianos usados e de leilões onde os pianos estava incluídos entre os bens eram constantes. O

comércio de outros instrumentos era mais pontual e não chegava a ser tão expressivo. O comércio de gramofones, discos e modinhas – formas de levar a música ao ambiente doméstico – era presente em alguns estabelecimentos, como a Casa Bracato e a Livraria Verissimo dos Santos.

FONTES

Jornais

A CIDADE, Diário. Ribeirão Preto. 1905 (janeiro a junho), 1908 (abril a novembro), 1909 a 1917 (menos janeiro a junho de 1916). Diário.

CORRIERE ITALIANO. Ribeirão Preto. 6/dez/1903.

DIARIO DA MANHÃ. Ribeirão Preto. 18/set/1903, 1912-1914. Diário.

JORNAL DE NOTICIAS. Ribeirão Preto. 31/dez/1903. Diário.

O LABARO. Ribeirão Preto. 17/jan/1904

O LUCTADOR. Ribeirão Preto. 1/jan/1904. Semanal.

O REPORTER. Ribeirão Preto. 20/maio/1908.

O RIBEIRÃO PRETO. Ribeirão Preto. 6/jan/1904. Semanal.

O SÉTIMO DISTRICTO. Ribeirão Preto. 19/maio/1893

Almanaques

ALMANACH ILLUSTRADO DE RIBEIRÃO PRETO. Ribeirão Preto: Sá, Manaia e cia., 1913 e 1914. Anual.

O MUNICÍPIO E A CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO NA COMMEMORAÇÃO DO 1° CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL. Publicação comemorativa encomendada pela Câmara Municipal e publicada em 1923.

BRAZIL MAGAZINE – revista periodica e illustrada d'arte e actualidades. Paris: Cussac & Chaponet, 1911.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. **Pequena história da música**. São Paulo: Martins, s.d.

---------- **Ensaio sobre a musica brasileira**. São Paulo: Martins, 1962.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, circos e cinemas de São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

AZEVEDO, Veruschka de Sales. **Entre a tela e a platéia: Teatros e Cinematographos na Franca da Belle Époque**. Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/ Departamento de História, 2001.

BAIA, Silvano Fernandes**. A pesquisa sobre música popular em São Paulo**. Dissertação (mestrado). São Paulo: Universidade Estadual Paulista/ Instituto de Artes, 2005.

BORGES, Maria Elizia. **A pintura na "capital do café" – sua história e evolução no período da Primeira República**. Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/ Departamento de História, 1999.

CANO, W. **Raizes da concentração industrial em São Paulo**. Campinas: Unicamp, 1998.

CARRATO, José Ferreira. **O Ribeirão Preto e a chegada da Mogiana**. in BORGES, Maria Elízia (coord.) et. al. *Ribeirão Preto: a cidade como fonte de pesquisa*. Ribeirão Preto: USP, 1984. Apostila mimeografada.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. RJ: Bertrand Brasil, 1990.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**, 5 vol. Ribeirão Preto: Legis Suma, 1985, 1987, 1992, 1997.

DAVID, Célia M. **Criação e interpretação musicais em Franca – palco e platéia (1872 – 1964)**. Franca: Unesp, 2002.

Dicionário Grove. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Enciclopédia da Música Brasileira. São Paulo: Art Editora/ Publicolha, 1998.

FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930) – o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**. Dissertação (mestrado). Campinas: Unicamp/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.

GUIÃO, João Rodrigues. **O município e a Cidade de Ribeirão Preto: na comemoração do primeiro centenário da Independência**. Ribeirão Preto: ed. do autor, 1923.

GONÇALVES, Janice. **Música na cidade de São Paulo (1850-1900): circuito da partitura**. Dissertação. São Paulo: USP/FFLCH, 1995.

HOBSBAWN, Eric. **História Social do Jazz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IKEDA, Alberto T. **Música na cidade em tempo de transformação. São Paulo: 1900-1930**. Dissertação (mestrado). São Paulo: USP/ECA, 1988.

LAGES, José Antônio. **Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro – povoamento da região por entrantes mineiros na primeira metade do século XIX**. Ribeirão Preto: VGA, 1996.

MADEIRA, Romilson de Castro. **A resistência cultural nas escolas de samba de Ribeirão Preto – SP**. Dissertação (mestrado). São Paulo: USP/ECA, 2004.

MAGALHÃES, Kelly Cristina. **Cidade, terra e máquina. Inserção da cidade de Ribeirão Preto no eixo ferroviário da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro (1878-1938)**. Dissertação (mestrado). São Carlos: UFSCar. Programa de pós-graduação em engenharia urbana, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade. **Folclore do Café**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

MIRANDA, José Pedro de. **Ribeirão Preto de Ontem e de Hoje**. Ribeirão Preto: Livraria El Dorado, 1971.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **As Sonoridades paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo - final do século XIX ao início do século XX**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1995.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920)**. Tese (doutorado). Franca: Universidade Estadual Paulista/ Departamento de História, 2004.

PÁTEO, Maria Luisa de Freitas Duarte do. **Bandas de música e cotidiano urbano**. Dissertação (mestrado). Campinas: Unicamp, 1997.

PRATES, Prisco da Cruz. **Ribeirão Preto de Outróra**. São Paulo: Gráfica José Ortiz Jr., 1956.

PINTO, Luciana Suarez Galvão. **Ribeirão Preto: a dinâmica da economia cafeeira de 1970 a 1930**. Dissertação de mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista/ Departamento de Economia, 2000.

PATEO, Maria Luísa Duarte do. **Bandas de música e cotidiano urbano**. Dissertação. Campinas: Unicamp/IFCH, 1997.

SANTOS, Plínio Travassos. **Ribeirão Preto – Histórico e para a história**. Ribeirão Preto: ed. do autor, 1923.

SETÚBAL, Maria Alice (coord.) **Terra Paulista – histórias, arte, costumes**. 3 vol. São Paulo: Imprensa Oficial, CENPEC, 2004.

SILVA, Adriana Capretz Borges da. **Campos Elíseos e Ipiranga: memórias do antigo Barracão**. Ribeirão Preto: Editora COC, 2006.

SILVA, Benedita Luiza da. **O Rei da Noite na Eldorado Paulista: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880-11930).** Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/Departamento de História, 2000.

SOUZA, Sérgio Luiz de. **(Re)vivências negras: entre batuques e devoções – práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950)**. Ribeirão Preto: edição do autor, 2007.

STRAMBI, Myriam de Souza. **50 anos da Orquestra Sinfônica em Ribeirão Preto (1938-1988)**. Ribeirão Preto: Ed. Legis Suma, 1989.

_____. **Supremo Adeus**. Inédito.

_____. Manuscritos, s.d.

TUON, Liamar Izilda. **O Cotidiano Cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)**. Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/Departamento de História, 1997.

TINHORÃO, José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

VALADÃO, Valéria. **Memória arquitetônica em Ribeirão Preto – política de preservação e plano diretor**. Dissertação (mestrado). Franca: Universidade Estadual Paulista/Departamento de História, 1998.

WALKER, Thomas e BARBOSA, Agnaldo de Souza. **Dos coronéis à metrópole – fios da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX**. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo